

17-03-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante o Encontro das Câmaras da Mulher Empreendedora e Gestora de Negócios da Fecomércio - Foz do Iguaçu/PR

Foz do Iguaçu-PR, 17 de março de 2014

Muito boa noite para todas as minhas queridas amigas e para os queridos amigos também.

Queria cumprimentar a Nádina Aparecida Moreno e a Iracema Maria Cerutti e a Lucélia Lecheta. Por meio delas eu cumprimento todas as presidentas das Câmaras da Mulher Empreendedora e todas as homenageadas desta noite.

Queria agradecer o convite, cumprimentar o senhor Darci Piana por esta cerimônia e essa organização fantástica que dá esse suporte e, sobretudo, evidencia a força da mulher paranaense. Queria agradecer o senhor Darci Piana, também, pela enorme parceira que nós temos aqui, com o Pronatec, para citar uma parceria, senhor Darci.

Cumprimentar a ministra Eleonora Menicucci, ministra da Secretaria de Políticas para as mulheres,

Cumprimentar o ministro Thomas Traumann, da Comunicação Social,

Cumprimentar o senhor Reni Pererira, prefeito de Foz do Iguaçu, e a primeira-dama Cláudia Pereira,

Dirigir um cumprimento especial à ex-ministra-chefe da Casa Civil, a senadora Gleisi Hoffmann,

Cumprimentar os deputados federais Zeca Dirceu, Professor Sérgio de Oliveira, André Vargas,

Cumprimentar a vice-prefeita de Foz do Iguaçu, a senhora Ivone Barofaldi,

Cumprimentar a presidenta da Câmara da Mulher Empreendedora e Gestora do Paraná, a senhora Graziela Pickler,

Cumprimentar a diretora executiva da Câmara da Mulher Empreendedora e Gestora do Paraná, senhora Elizabeth Lobo,

Dirigir um cumprimento ao reitor Josué Modesto, da Universidade Federal da Integração Latino-America - Unila, meu colega na Unicamp,

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, as senhoras e os senhores fotógrafos e cinegrafistas,

Eu, primeiro, quero agradecer a homenagem que eu recebo com imenso orgulho, essa homenagem que me foi conferida pela Câmara da Mulher Empreendedora e Gestora do Paraná e pelo Sistema Fecomércio do Paraná. Eu fico muito honrada de estar na companhia de vocês, por essas 23 mulheres extraordinárias que expressam algo que nós temos de sempre valorizar, que é a capacidade e o talento da mulher brasileira. Eu sempre digo que

este século, sem sombra de dúvida, é o século das mulheres, e que nosso país também tem, por isso, um imenso compromisso com todas as mulheres brasileiras, as mulheres paranaenses.

Somos todas nós, sem dúvida, mulheres que surpreendem. Por que as mulheres surpreendem? Porque durante muito tempo acreditaram que nós não poderíamos ou não conseguiríamos, e nós, por isso, surpreendemos. À custa de muita luta, nós derrubamos preconceitos seculares. Nós afirmamos e garantimos novos direitos. Nós mudamos legislações obsoletas. Criamos leis, como a Lei Maria da Penha, contra... uma lei que estabelece punição à violência praticada contra a mulher. Somos hoje a maioria nos bancos escolares e universitários. Conquistamos uma participação no mundo do trabalho, apesar de saber que muitas mulheres, companheiras nossas, recebem salário desigual pelo mesmo trabalho praticado por um homem. Isso só nos mostra que sempre teremos de considerar cada conquista apenas um início para uma nova conquista.

Nós hoje ocupamos posições de destaque em várias empresas, em várias instituições públicas e chegamos a eleger a primeira mulher presidenta da República. Em meu pronunciamento no Dia Internacional da Mulher, eu disse que a mulher era a nova força que movia o Brasil. E esta não é uma palavra retórica, ou, não é uma fala retórica. A mulher, de fato, é a nova força que move o Brasil, e nós temos vários indícios disso. E eu vou falar do mais próximo, este encontro que nós estamos tendo aqui hoje. E as mulheres que hoje estão aqui sendo homenageadas, elas provam isso que eu estou falando, que as mulheres são a nova força que move o Brasil.

Eu, assistindo vocês chegarem aqui no palco, receberem a premiação, fico emocionada, tanto pela história de realização, pelo esforço que está expresso nesse prêmio de cada uma de vocês. Sei também que por trás desse prêmio tem o esforço de suas famílias, o suporte das suas famílias, mas muitas vezes, a mulher consegue isso num momento de dificuldade até na sua vida pessoal. E o que fica claro para mim é que tudo isso é feito também com uma imensa alegria de viver, e também eu acho que eu tenho de me referir a um fato: nenhuma de vocês, bravas lutadoras e batalhadoras, perdeu a vaidade de se tornar bonita, de vir aqui em cima vestidas com muito bom gosto, mulheres que mostram que, além de lutadoras, são mulheres que valorizam a sua condição feminina.

Eu queria dizer para vocês, porque vocês são mulheres empreendedoras e batalhadoras, que o Brasil passa por um período de transformação muito positivo, mas vocês sabem, nos negócios de vocês, que toda conquista que a gente tem é só um começo, e isso acontece também com o Brasil. Sem abdicar um só momento do nosso compromisso com o controle da inflação e a robustez do país, nós desenvolvemos um processo intenso de ascensão social. Quem são os beneficiários dessa ascensão social? Os números mostram que grande parte desses beneficiários são mulheres. Alguns números desse processo são muito importantes. Nós temos uma situação no país de estabilidade, hoje. E sabemos que tanto a inflação como a situação fiscal, como as reservas que o país acumulou, hoje dão tranquilidade para nós diante, talvez, desse momento que está agora sendo superado, que foi a mais grave crise econômica desde 1929.

Nós sabemos que a esses indicadores econômicos, como é o caso dos nossos US\$ 377 bilhões de reservas, que permitem que nós enfrentemos qualquer flutuação internacional, nós também temos indicadores que mostram o bom resultado desse processo de ascensão social, em que muitas mulheres foram beneficiadas. Retiramos da extrema pobreza 36 milhões de pessoas, e 42 milhões de pessoas chegaram à classe média. Isso significa, além de uma conquista ética, ou moral, significa também que hoje nós temos um mercado consumidor e que demanda serviços muito fortes, um conjunto de pessoas que hoje passaram a consumir e a ter padrão de consumo que torna a demanda por bens e serviços uma demanda forte, beneficiando assim as pequenas e as microempreendedoras deste país.

Nós também geramos uma quantidade significativa de empregos. O número até fevereiro, do período do meu governo, chegou a 4,8 milhões de novos empregos com carteira assinada. Hoje saiu o número dos empregos criados em fevereiro, e esse fevereiro de 2014 foi o segundo melhor fevereiro dos últimos 12 anos.

Por que é importante a criação de empregos? Primeiro, porque as mulheres foram muito beneficiadas pela criação de emprego; segundo, e mais uma vez, porque isso fortalece o nosso mercado que demanda serviços. Ao longo dos últimos anos, vocês empresárias, empreendedoras e gestoras de negócios, têm vivenciado, no dia a dia, na vida de cada uma, o dinamismo do comércio e serviço do nosso país. E nós, hoje, adotamos um conjunto de medidas para reduzir custo de produção. Eu destaco várias medidas. Queria me referir à desoneração da folha para as empresas maiores, para as empresas médias e para as empresas pequenas. Nós também implementamos uma nova legislação de compras do governo que beneficia... as compras públicas beneficiam as pequenas empresas, que hoje têm prioridade no fornecimento ao governo.

Com o Pronatec, que nós temos aqui em parceria com a Fecomércio, nós estamos cuidando da melhoria do perfil de formação profissional dos nossos jovens e dos nossos trabalhadores, com isso beneficiando as empresas que os empregam. E aí também é importante destacar que esses cursos são cursos de excelência, são cursos de excelência porque são dados, além de ser pelas universidades federais e pelos institutos tecnológicos, são dados pelo Sistema S, e justamente por aquelas instituições que são as mais respeitadas pela qualidade: O Senac e o Senai, por exemplo. Cada empresário aqui presente sabe como é fundamental contar com um trabalhador ou com uma trabalhadora mais bem preparado, mais capacitada para executar suas tarefas.

Por isso, eu quero mais uma vez agradecer pela importância que o Pronatec tem, em qualquer estado da nossa Federação e, sobretudo, aqui no Paraná, quando a gente une a capacitação do trabalhador ou da trabalhadora com um nível de determinação do empreendedorismo. O empreendedorismo tem papel central em um país, ele cria riqueza, ele cria oportunidade, e ele tem esse poder de mover e de mudar uma pessoa, de uma situação de dificuldade para ser dona do seu próprio negócio, e modificar a sua própria vida e a de sua família.

Nós, e aí eu queria fazer um parêntese para agradecer à ministra Gleisi Hoffmann, por toda a sua contribuição nessa questão que eu vou falar agora, que é um desafio de modernizar e expandir a infraestrutura logística, a infraestrutura de energia e a infraestrutura urbana do Brasil. Fizemos o PAC, fizemos uma série de programas, e também é fundamental reconhecer que na condução desses programas, na licitação do maior campo de petróleo, o campo de Libra, em todas as concessões de aeroportos, em todas as concessões de rodovia, no modelo... na mudança do modelo de portos, houve uma coordenação de uma mulher paranaense, a ex-ministra Gleisi Hoffmann. Por que eu destaco esses investimentos de forma ainda bastante geral? Eu destaco por duas razões. Primeiro, porque eles resultarão numa melhoria da competitividade dos nossos produtos e da nossa economia. Em segundo lugar, porque eles representam mais estímulo à produção e à geração de emprego. Entendo que garantir isso é tarefa do governo, não é achar que vai puxar qualquer situação. É saber que a tarefa do governo, respeitando o esforço e a determinação de brasileiros e brasileiras, respeitando e sabendo da importância do apoio de suas famílias, criar oportunidades para que esses empreendedores de todo o Brasil possam investir, produzir mais, gerar mais emprego e progredir na vida. Esse é, eu diria, o norte, a direção da minha política, do compromisso do meu governo com todas as mulheres e homens batalhadores do Brasil.

E eu queria dizer para vocês que o Brasil hoje, ele experimenta uma euforia empreendedora. É essa euforia empreendedora, é essa determinação de homens e mulheres de ter seu próprio negócio que é um dos fatores que explica por que o Brasil não teve, diante da crise, uma redução do seu nível de emprego. Então temos de ter clareza que esse sonho, da grande maioria dos brasileiros e das brasileiras, que é ter o seu próprio negócio, ser dono do seu nariz, é algo que modifica toda a economia do país. Para minha alegria, as mulheres representam hoje 63% do total dos microempreendedores individuais, aquelas pessoas que não tinham formalização e que hoje podem ter seu negócio, ter os benefícios da Previdência e pagar o imposto numa só guia.

São 3,8 milhões microestabelecimentos, onde a mulher, a autêntica integrante da classe batalhadora do Brasil, suplementa a sua renda, ou tira o total da sua renda por meio de seu pequeno negócio, que permite que ela concilie a sua atividade doméstica, de mãe, de dona

de casa, e a sua atividade profissional que até, muitas vezes, é realizada na própria residência.

É importante dizer também que as mulheres são a maioria no universo do Simples. As pequenas e microempendedoras são a maioria no universo do Simples. Respondem hoje por 52% de todos os estabelecimentos catalogados no Simples, o que é muito significativo quando a gente lembra que as micro e as pequenas empresas do país são 90% de todas as empresas do Brasil. Então vejam vocês que presença significativa as mulheres têm, no quadro empresarial brasileiro.

Queridas amigas e amigos,

Hoje eu tive acesso a uma pesquisa do Sebrae. Essa pesquisa do Sebrae mostra uma coisa fantástica: mostra que 62% das mulheres se tornaram empresárias quando tiveram a oportunidade de se tornarem empresárias. Houve oportunidade, nos estudos e nas pesquisas isso ficou evidenciado. Essa pesquisa demonstra, portanto, a determinação, a força e a insistência da mulher em solucionar seu problema, agarrando com as duas mãos a oportunidade que aparece, e faz com que elas percebem claramente que está diante delas a chance de melhora a própria vida.

Por isso, eu quero dizer para vocês que a minha obrigação, como governante do país, é descomplicar a vida das mulheres que conquistam posições, mas ainda enfrentam um emaranhado burocrático, que muitas vezes inviabiliza o crescimento ou a criação do seu próprio negócio. Eu quero dizer para vocês que eu tenho perfeita consciência disso. A primeira questão é garantir que o Simples tenha a maior universalização possível. Vejam vocês que o Simples, que é a lei das micro e pequenas empresas, ainda não é aplicado a todos os setores. Várias áreas ficaram de fora. O que eu pedi ao ministro Guilherme Afif Domingos que fizesse? Que levasse ao Congresso uma negociação para, progressivamente, incluir esses setores, que não estão no Simples, dentro do Simples.

Um grande varejista uma vez disse o seguinte, disse uma coisa muito simples e de fácil entendimento, que é muito difícil para o conjunto da população ou para muitas camadas da população, comprar à vista, mas que quando se compra a prazo, tudo fica mais viável. A mesma coisa, nós vamos ter um horizonte, um prazo, e nesse prazo vamos incluir, principalmente o setor de serviços que estão fora do Simples, no Simples. Esse fato está sendo agora... está em processo de negociação no Congresso e acho importante que vocês acompanhem, através aqui do Fecomércio.

Outro ponto que eu sei que atrapalha muito, especialmente o pequeno comércio, é a chamada substituição tributária. Substituição tributária que, de uma certa maneira, foi criada para anular os benefícios do Simples para as micro e pequenas empresas, fazendo com que elas muitas vezes paguem mais impostos do que as grandes ou médias empresas. Essa injustiça também nessa negociação que o ministro Afi lidera, está sendo... nós estamos buscando corrigir. A senadora Gleisi Hoffmann está bem a par do assunto e vai nos ajudar no Congresso Nacional, bem como, eu tenho certeza, os deputados aqui presentes, a eliminar essa distorção, aprovando uma lei complementar.

Queridas amigas,

Eu sei também que abrir um negócio no Brasil é uma verdadeira via sacra: tem que tirar CNPJ, tem de tirar o NIRI, que é o número de identificação do registro de empresa, tem de fazer inscrição estadual, inscrição municipal, inscrição no Corpo de Bombeiros, inscrição no Meio Ambiente, inscrição na Vigilância Sanitária, e inscrição no alvará da prefeitura. Cada uma dessas providências, vamos chamar assim, ou dessas inscrições e desses documentos tem um número. Tem um formulário... Primeiro tem um número, depois tem um formulário, tem um local diferente para você ir e, depois, tem uma taxa. Isso faz com que o tempo médio de regularização de uma empresa demore mais de 150 dias. Agora, para você fechar uma empresa, esqueça, porque é muito difícil. É muito difícil fechar uma empresa, ou você tem muita dificuldade pra fechar uma empresa. Hoje existem milhões de CNPJ sem movimento, esperando uma autorização para que a empresa seja fechada. Nós temos compromisso de acabar com isso, acabar com esse que muita gente fala que é um suplício.

Por isso pedi ao ministro das Micro e Pequenas Empresas, a chamada Redesim. Nós vamos implantar a Redesim. O que é a Redesim? Ela vai construir... ela começa por um número único, que é o CNPJ. Aí nós iremos – estamos construindo processo – unificar a inscrição estadual e a inscrição municipal. Nós sabemos que a empresa é uma só, e o cidadão é um só. Por que então ele tem de ter tantos números? A gente pode ter um número só. Se já tem o número federal, para quê ter outros números? Vamos construir um cadastro único.

Quanto às licenças, 90% das atividades que são licenciadas, são de baixo risco ambiental, e, portanto, baixo risco também do ponto de vista dos bombeiros e da vigilância sanitária, e não precisariam de inspeção prévia. Seu funcionamento deve ser autorizado na hora, com fiscalização posterior. Aqueles que não se enquadram na classificação de baixo risco, e há negócios que não se enquadram na classificação de baixo risco, eles serão previamente fiscalizados. Eu cito um exemplo que vocês assistiram, que é o caso daquela boate, ou daquele lugar de dança lá em Santa Maria, onde morreram muitos jovens e nós não podemos deixar que isso se repita. Então essa é de alto risco, essa é fiscalizada. Uma atividade que não é de alto risco, ela pode ser fiscalizada a posteriori. Com isso você desembaraça a abertura de negócios. Com essas medidas nós pretendemos fazer o quê? Baixar o prazo de abertura das empresas para no máximo 5 dias.

Além disso, eu queria dizer a vocês que nós vamos estabelecer e fazer vigente uma coisa que está na lei, que é o princípio da dupla visita. Como é o princípio da dupla visita? Nós vamos assegurar, devido ao fato de que a Constituição reconhece que micro e pequena empresa é diferente de média e de grande. A Constituição e leis complementares, melhor dizendo, reconhecem isso. Então, o que nós vamos fazer? Já está na lei que tem o direito a dupla visita. Nós queremos implantar, na prática, o que está na lei, que é o seguinte: a primeira visita é de orientação; a segunda visita, aí, sim, ou as visitas subsequentes, aí, sim, é importante que a orientação seja cumprida. Mas na primeira visita, muitas vezes não está cumprido o que determina a legislação, até por que a pessoa muitas vezes a pessoa não sabe do que se trata, porque ela pode não conseguir ter, igual a uma empresa média e grande, advogado e todo um sistema e uma estrutura que dê suporte. Por isso nós estamos fazendo, em todo o Brasil a caravana da simplificação, que é liderada pelo ministro Afif para reunir a União, os estados e os municípios nesse autêntico mutirão para simplificar a vida das pequenas empresas.

Nós, mulheres, nesse Brasil que nós estamos vivendo, e nesse momento que está por vir, teremos cada vez mais voz, poder e autonomia. Assumiremos cada vez mais responsabilidades pelas escolhas que vão moldar as nossas vidas, a vida das nossas famílias, das nossas empresas, do mundo do trabalho e do nosso país. Nós temos, diante de nós, imensas oportunidades.

A ministra Gleisi falou aqui que nós damos prioridade para a mulher receber o Bolsa Família, porque a mulher dá prioridade para a família, para as crianças, em qualquer circunstância. Nós damos prioridade para a mulher ter a casa do Minha Casa, Minha Vida no nome dela, quando ela é a responsável pelos filhos. Nós damos prioridade para a mulher no caso do crédito para pequenas e médias empresas, quando o casal recebe o dinheiro. Cabe a nós, a nós, mulheres, acreditar, investir, trabalhar, para que essa sociedade que estejamos construindo seja cada vez mais justa, mais equânime e, com isso, nós tenhamos um mundo e uma nova história nesse mundo. Uma história que não discrimine a mulher.

A Gleisi falou aqui uma coisa, para nós, muito importante. A Gleisi disse que a mulher quando chega numa certa situação, ela é vista como mandona, exigente, etc, etc. A imprensa vivia me perguntando: “Escuta, presidenta, você é uma mulher muito exigente”. E eu sempre completei: “Sou uma mulher muito exigente, cercada só de homens meigos, porque, em princípio, os homens são meigos e as mulheres exigentes, principalmente quando elas chegam a ser responsáveis por suas empresas, executivas, quando elas chegam a ser presidentas, senadoras, deputadas federais, vereadoras, prefeitas, elas são muito exigentes, ou seja, elas exigem que as coisas sejam feitas. E aí eu vou contar para vocês uma história. Os nossos companheiros sabem disso. Eu tenho um antigo professor meu, que é meu amigo – até foi professor meu e do nosso reitor –, que me dizia – que construiu uma das grandes faculdades deste Brasil – e dizia para mim assim: “Sabe quem é que administra a minha

faculdade"? Eu falei não, não sei, não. Não tenho acompanhado de perto, então não sei. Ele disse para mim: "Só mulher". Eu falei: ah é, por quê? Ele falou: "Não, porque mulher, quando pega uma coisa, leva até o fim. A mulher quando quer uma coisa, ela olha o detalhe, ela vai lá, ela mexe daqui, mexe dali, e ela resolve o problema". E essa é uma questão que eu sei que nós damos a nossa contribuição. Acho que é muito bom também trabalhar com nossos companheiros homens, mas uma coisa eu quero dizer para vocês: eu tenho muito orgulho, no Brasil de hoje, dessa infinita força e extraordinária capacidade que cada uma das mulheres deste país, da mulher mais simples que está ali lutando para criar seus filhos, à mulher que batalhou e conseguiu ter uma posição de destaque na sua empresa, para cada uma delas, eu acho que importa a dedicação que elas dão a si mesmas, a sua autovalorização, a sua autoestima, o desenvolvimento de suas famílias, e, com isso, o desenvolvimento do nosso país.

Eu estou muito feliz de ter estado aqui com vocês. Hoje, para mim, foi uma demonstração do tamanho da força da mulher paranaense, do tamanho da força da mulher empreendedora, e eu fico feliz, porque eu vi em cada uma das faces das mulheres que estiveram aqui, estampada em cada uma delas, a alegria da conquista e do sucesso. Muita sorte para cada uma e parabéns.

Ouça a íntegra (38min51s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-encontro-das-camaras-da-mulher-empresendedora-e-gestora-de-negocios-da-fecomercio-foz-do-iguacu-pr-38min51s>) da Presidenta Dilma

19-03-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de máquinas para municípios do Ceará e inauguração do Trecho V do Eixão das Águas - Fortaleza/CE

Fortaleza-CE, 19 de março de 2014

Bom dia, já é boa tarde. Boa tarde a todos.

Eu queria primeiro cumprimentar aqui as prefeitas e os prefeitos.

Queria dirigir um cumprimento todo especial a um grande parceiro do governo federal e também um grande amigo, o governador do Ceará, Cid Gomes.

Queria cumprimentar o Roberto Cláudio, prefeito de Fortaleza. Que eu sempre digo que é a pessoa mais alegre que eu conheço.

Dirigir um cumprimento também aos ministros que me acompanham aqui hoje: o ministro Francisco Teixeira, ministro interino da Integração; o ministro Miguel Rossetto, do Desenvolvimento Agrário; a ministra Tereza Campello, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; o ministro Thomas Traumann, ministro da Secretaria de Comunicação Social.

Cumprimentar o nosso vice-governador Domingos Gomes de Aguiar Filho.

Cumprimentar o deputado Zezinho Albuquerque, presidente da Assembleia Legislativa do Ceará, e dar-lhe os parabéns porque hoje é dia do seu aniversário.

Queria cumprimentar também o ex-ministro-chefe da Secretaria Nacional de Portos, o nosso Leônidas Cristino.

Queria dirigir um cumprimento muito especial a três senadores, senadores do Ceará: o senador Eunício Oliveira, grande parceiro do governo; o senador José Pimentel e o senador Inácio Arruda. Os três senadores integram a base do governo no Congresso, e eu queria destacar o papel que cada um cumpre para viabilizar as nossas ações de governo. O senador Eunício Oliveira, como líder do PMDB no Senado; o senador José Pimentel, como líder do governo no Congresso e o senador Inácio Arruda, como líder do PCdoB.

Queria cumprimentar também e agradecer a ação dos deputados federais: Antonio Balhmann, Chico Lopes, Domingos Neto, Edson Silva, Gorete Pereira, João Ananias, José Airton, José Guimarães e Manoel Salviano.

Cumprimentar também os secretários estaduais Nelson Martins, do Desenvolvimento Agrário, e César Pinheiro, dos Recursos Hídricos.

Cumprimentar o presidente da Câmara de Vereadores, Walter Cavalcante.

Dirigir um cumprimento especial ao presidente em exercício da Associação dos Prefeitos do Estado do Ceará, Expedito José do Nascimento.

Dirigir um cumprimento ao nosso Luis Carlos Ribeiro Lima, presidente da Fetraece, presidente a Federação dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais do estado do Ceará.

Gostaria de dizer primeiro aos senhores prefeitos e senhoras prefeitas que para nós do governo, esse é um momento especial, e por isso eu estou aqui nessa cerimônia fazendo a doação oficial dos chamados kit de máquinas que nós compramos, que nós estamos doando aos prefeitos. O governo federal tem tido uma imensa preocupação com uma questão nas grandes e médias cidades, e aqui eu tenho tido uma grande parceria com o governador Cid Gomes e com nosso prefeito. Essa parceria, ela se caracteriza por nos preocuparmos com a questão do transporte coletivo urbano. É daí que surgem todas as iniciativas e as principais visitas que eu estive fazendo aqui no Ceará, ela teve por base justamente o lançamento dos metrô, entre outras coisas.

Nós não poderíamos deixar de olhar para as prefeituras de até 50 mil habitantes porque todas as prefeituras até 50 mil habitantes, elas representam uma parte importante do nosso país, que é aquela que tem menos recursos e ao mesmo tempo, tem uma grande demanda. É lá que muitas vezes está, e na maioria dos casos está, o forte da produção rural do país. É lá também que se concentra a maioria dos municípios. Mais de 80%, certamente.

Por isso, olhando a questão da mobilidade também dos municípios, olhando as demandas que recaem sobre os municípios nós fizemos esse programa do kit de máquinas. Ele tem por objetivo algumas questões: a primeira e fundamental é dar autonomia para os prefeitos. Daí porque nós estamos fazendo doação. Ou seja, a partir de agora a máquina é do prefeito ou da prefeita, e ela vai usar essa máquina dentro dos princípios e da legalidade vigente, mas de acordo com seus programas, com as suas necessidades.

Isso significa que esse equipamento é para garantir aos municípios de até 50 mil habitantes maior capacidade de execução das suas demandas. Quais são? Estrada vicinal para fazer com que a produção agrícola e pecuária do município possa sair dele e alcançar o mercado; é a passagem do ônibus do Caminho da Escola; é a passagem da ambulância do SUS; é a passagem das pessoas que vivem naquele município. Por isso, esse outro lado, que é o lado da mobilidade, é muito importante. Tem ainda um terceiro lado que é o lado do combate e da convivência. Eu falo combate e convivência, parece estranho, mas o combate é a prevenção; a convivência é as obras estruturantes que a gente tem de fazer. No caso das prefeituras, é a possibilidade de fazer pequenas obras, barragens, aguadas, obras das mais variadas.

Daí porque olhando os municípios de até 50 mil habitantes, nós fizemos programas especiais. Programas especiais como esse que é esse kit. Aqui no Ceará tem uma característica: nós estamos também numa região do Brasil que é o semiárido, que sofreu imensamente as consequências da seca. Por isso nessa região do semiárido, ou nos municípios da Sudene que estão em estado de emergência, nós, ao invés dos três, estamos entregando cinco equipamentos: uma retroescavadeira, uma motoniveladora, um caminhão pipa e um caminhão caçamba e uma pá carregadeira. Para os municípios do semiárido ou que estão na região da Sudene em regime de emergência.

Eu fico muito feliz de vir aqui fazer isso porque eu sei que nós estamos contribuindo para a melhoria de vida das pessoas, e é isso que importa. Nós sabemos que os prefeitos convivem ali, diretamente com os problemas do dia-a-dia. Então, garantir a eles instrumentos, porque muitas vezes todas as reuniões que eu vou e que a gente faz essa doação, os prefeitos dizem uma coisa para mim: ou eles não tinham nenhuma máquina e usavam a enxada, propriamente dita, em muitos lugares isso me foi dito, ou eles alugavam, ou eles gastavam um recurso razoável para que essas máquinas antigas que tinham fossem consertadas sistematicamente. Dinheiro na oficina.

Então, eu olho também um outro aspecto, e queria dizer para os senhores: quando nós compramos essas máquinas, nós pagamos assistência técnica para treinar os motoristas que dirigem essas máquinas. Essa é a primeira coisa que eu queria dizer para os senhores: peguem seus motoristas, e as empresas são obrigadas a dar esse treinamento, principalmente, para que garanta que os prazos também de cobertura e de garantia do

equipamento fiquem vigentes. No mais, eu desejo aos senhores e às senhoras que o uso dessas máquinas seja o melhor possível para os seus municípios, para as pessoas, os brasileiros, as brasileiras, os cearenses e as cearenses que vivem em cada um deles.

Muitas vezes eu pergunto qual é o número de quilômetros de estradas vicinais do seu município. E às vezes os números maiores surgem, de 700 km, de 500 km, de 1000 km, de 2000 km. Mas, sendo de 10 ou sendo de 100 ou sendo de 1000, o objetivo dessas máquinas é esse, permitir que o nosso país dê aos seus prefeitos instrumentos efetivos de trabalho. Em média, um kit desses no mercado, se fosse ser comprado, estaria em torno de R\$ 1,4 milhão. Mas como compramos em grande quantidade, até nisso melhora a situação porque gastamos menos do que se cada prefeito fosse comprar, porque compramos em bloco. A responsabilidade para a entrega do resto das máquinas aqui - faltam, se eu não me engano, 77 pás carregadeiras - é das empresas. O que acontece? O governador Cid Gomes falou uma coisa. Porque esse projeto não é só doação de máquinas, ele também é um projeto que dá prioridade para compra dessas máquinas, dá margem de preferência para a compra dessas máquinas na produção aqui no Brasil. Ou seja, nós estamos também incentivando emprego para os produtores de motoniveladora, de retroescavadeira, de pá carregadeira e de caminhão pipa e caçamba.

Então, eles... pela soma, porque são 18 mil e poucas máquinas em todo o Brasil. Eles, então, tinham de ter entregue todas as máquinas até abril. Vai ter algumas delas que correrão para a segunda semana de maio. Eu estou explicando isso porque atraso na produção de algumas fábricas que alegam uma sobrecapacidade e, portanto, terão atraso.

Mas eu tenho certeza que um programa desses tem características importantíssimas. Primeiro, nós não olhamos se o prefeito ou a prefeita é da minha base, integra os partidos que compõem a minha base de apoio. Isso não interessa. O que une esses prefeitos e essas prefeitas é aquilo que caracteriza a mim também, que caracteriza o governador Cid: nós fomos eleitos pelo voto popular. Aí, o voto popular nos obriga a fazer uma ação, um governo voltado para todos os cearenses, no caso do governador, e no meu caso, para todos os brasileiros e brasileiras.

Quero dizer para vocês que eu também estou muito feliz de estar aqui hoje. Por quê? Porque nós aqui estamos numa outra cerimônia. Que cerimônia que é? É a cerimônia que conclui o Eixão das Águas. Talvez vocês morem aqui e hoje estejam acostumados, que talvez o Ceará seja o estado da federação com maior programa - que eu conheço, pelo menos, proporcionalmente - de segurança hídrica, proporcionalmente. Talvez vocês estejam acostumados com isso. Como eu não estou, como eu vejo diferenças, eu fico muito orgulhosa de estar aqui nesse Eixão das Águas. Por que eu fico orgulhosa? Porque eu acho que o Brasil, e acho que isso que nós estamos fazendo aqui hoje demonstra o que eu vou falar, está mudando de forma qualitativa. Nós, hoje não estamos só fazendo pequenos trechos. Ou trechos emergenciais. Temos de fazer obras emergenciais, obras pequenas, temos de fazer. Mas aqui hoje estamos fazendo uma das obras estruturantes para a segurança hídrica do Ceará. É a obra que não aparece, gente. Porque ninguém fica passando nos 256 quilômetros e olhando para água correr. Eu já fui lá, fiquei impressionada. Sugiro que se vocês puderem dar uma passeadinha por lá, dê uma olhada porque é impressionante. Mas, essa obra que ninguém vê todos os dias é a obra cujos resultados a gente vê todos os dias na hora que a gente abre a torneira e toma um copo d'água - como eu vou fazer agora, porque eu estou perdendo a voz. Mas é também todo o sentido de garantir esse que é o elemento fundamental para a vida e para a atividade humana, aí incluída a produção tanto agrícola, como industrial, como de infraestrutura.

Então, é admirável o estado do Ceará pela... primeiro, pelas suas conquistas. Segundo, pela sua capacidade de prever como é que se articula a segurança hídrica no estado, e aqui eu estou me referindo também à questão da interligação do São Francisco e do Cinturão das Águas. Porque vocês podem ter certeza, essa é uma das maiores obras de segurança hídrica - a gente tem hora que é meio exagerada, mas eu tenho certeza que eu não estou sendo exagerada nessa hora, não - do mundo. Que é essa ligação Cinturão das Águas, o Eixão e todas as obras e as barragens que aqui estão sendo feitas.

Ter garantia por 30 anos é algo muito forte. Terá a garantida que durante 30 anos, aqui nessa região onde vivem, estão concentrados a maior população urbana do estado, o maior conjunto de pessoas, é algo estratégico para o estado do Ceará. Por isso, eu fico orgulhosa e quero enfatizar isso porque eu quero deixar claro qual é a avaliação do governo federal sobre essas obras e sobre a qualidade dessa parceria que nós construímos aqui com o governo do Ceará.

Quero dizer também que hoje nós iremos... eu estou aqui nesse dia porque o governador Cid Gomes, sistematicamente, me pediu para estar aqui no dia do padroeiro do Ceará, nesse dia 19, dia de São José. Então, eu estarei também numa outra cerimônia, essa não tem pá carregadeira, não tem retroescavadeira, não tem máquinas, essa será uma celebração da água, tanto das cisternas, quanto na nossa política conjunta de convivência com a seca. Porque nós tivemos de tomar medidas emergenciais. E eu queria dizer para vocês que tem uma coisa que me orgulha muito: nós estamos enfrentando, em alguns lugares dizem que é a pior seca dos últimos 50 anos. Em outros lugares dizem que é a pior seca dos últimos 100 anos, mas, certamente, é uma das piores secas já vividas. E estamos passando por isso com, obviamente, com ferimentos. Por exemplo, com a morte de criações do gado e por dificuldade de alimentação e de água. Mas nós fizemos tudo para minorar isso, por exemplo, vendendo milho a preço bem mais baixo aqui no Ceará. Segundo, fazendo cisternas, que está para além dessa seca, e é uma forma muito importante de fornecimento de água. Terceiro, e aí que eu queria chegar. Eu acredito que todos os mecanismos de proteção e de garantia, essa espécie de rede de proteção social, Bolsa Família, Bolsa Estiagem, Seguro Garantia Safra, todos eles são responsáveis, é disso que eu me orgulho, de não ter tido aqui nenhum movimento de avanço sobre supermercados, lojas ou feiras que ocorriam no passado.

Ser capaz de conviver com a seca é saber que ela vai ocorrer, como ocorre o inverno no Norte do continente, e que você vai enfrentar. Vai enfrentar com que armas? A arma da segurança hídrica, a arma do Eixão, a arma do cinturão. E enquanto não estiver pronto, aí nós vamos usar os caminhões pipa coordenados pelo Exército Brasileiro para evitar qualquer uso clientelístico dos caminhões. Nós vamos usar a Bolsa Estiagem, o milho, o financiamento para o produtor que foi afetado. Nós vamos utilizar de todas as armas emergenciais. Mas a arma mesmo é garantir, por exemplo, como o Eixão faz, 30 anos de água para a população da região metropolitana de Fortaleza. É isso que nós queremos, como nós também vamos executar com o ministro Miguel Rossetto, pela primeira vez, ao passar esse período, o primeiro Plano Safra do Semiárido. O semiárido tem de ter safra, o semiárido vai ter de produzir todos aqueles materiais específicos para alimentar, muitas vezes para armazenar, fazer silagem dos elementos que compõem o volumoso que alimenta o gado, que alimenta a criação. Os bodes, eu não lembro qual é o nome, mas teve um prefeito... teve o prefeito de Tejuçuoca e me disse assim: "eu sou o prefeito da região produtora da terra do bode." Então, é para que o bode sobreviva que nós vamos ter de fazer também um Plano Safra que atenda os bodes que são importantíssimos e fazem parte de toda tradição produtiva de muitas das regiões dos pequenos municípios aqui do estado.

Com isso, eu queria dizer para vocês o seguinte, estou indo para Sobral, tenho certeza que hoje, comemorando o dia de São José, o dia 19, protetor do Ceará, peço também que ele proteja um pouquinho o resto do Brasil. Esse Brasil que é tão grande e que num lugar chove muito, como é o caso de Rondônia e do Acre e, do outro lado, chove pouco, como é o caso do Sudeste e do Centro-Oeste. Então, eu queria dizer isso: que São José nos dê uma mãozinha.

Muito obrigada a todos.

Ouçã a íntegra (25min25s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-entrega-de-maquinas-para-municipios-do-ceara-e-inauguracao-do-trecho-v-do-eixao-das-aguas-fortaleza-ce-25min25s>), da Presidenta Dilma Rousseff

20-03-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de anúncio de investimentos do PAC2 Mobilidade Urbana para Belém - Belém/PA

Belém-PA, 20 de março de 2014

Boa tarde, aliás, bom dia a todos vocês. Agradeço do fundo do coração. Obrigada. Agradeço as manifestações, acho que nós somos um país democrático, todo mundo tem absoluto direito de expressar a sua opinião e acho que cada um de nós, além de ter o direito de expressar sua própria opinião, tem também o dever de respeitar a opinião dos outros, mesmo não sendo, concorde com ela.

Eu queria primeiro cumprimentar os paraenses e as paraenses. Dizer que para mim, é uma alegria estar aqui nessa região e nesse lindo estado da federação, que é o Pará.

Por isso, eu cumprimento o governador do Pará, Simão Jatene.

Cumprimento o prefeito de Belém, o Zenaldo Coutinho.

Cumprimento também os ministros que me acompanham nessa viagem. Porque aqui nós vamos para Marabá e de Marabá nós vamos para Imperatriz, no Maranhão. Eu queria, então, cumprimentar o ministro das Cidades, o Gilberto Occhi; o dos Transportes, César Borges; do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto; e da Comunicação Social, Thomas Traumann.

Quero cumprimentar aqui o presidente da Assembleia Legislativa do Pará, o deputado Márcio Miranda.

Gostaria de saudar com muita alegria, uma mulher, a desembargadora Luzia Guimarães Nascimento, presidente do Tribunal de Justiça do Pará.

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes: Arnaldo Jordy, Beto Faro, Cláudio Puty, o Lúcio Vale, o Miriquinho Batista e o Zé Geraldo.

Cumprimentar o secretário nacional de transporte e mobilidade urbana, Júlio Eduardo dos Santos.

A vice-prefeita de Belém, Carla Martins.

O diretor-geral do núcleo de gerenciamento do transporte metropolitano, César Brasil Meira.

Queria cumprimentar o vereador Paulo Queiroz, presidente da Câmara Municipal de Belém.

Queria cumprimentar os representantes dos movimentos sociais: o representante da Comissão de Mobilidade Urbana do Conselho das Cidades, Paulo Cohen; a Elizethe Costa, também integrante do Conselho Nacional das Cidades, coordenadora do Movimento de Luta por Moradia; o Paulo Afonso dos Santos, da União Nacional por Moradia Popular; a Odália Figueiredo, coordenadora nacional das Associações de Moradores.

Cumprimentar os senhores jornalista e as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos e os senhores cinegrafistas.

Olha, eu de fato, estou muito feliz de estar aqui. Nós sabemos, e eu já estive aqui várias vezes antes, que essa é uma cidade arborizada, cercada por rios, e que tem essa interessantíssima característica de ter muitas mangueiras. De fato, deve ser muito bom morar numa cidade que de repente você pode chuchar uma árvore e cair uma manga na sua mão.

É de fato algo que todo mundo quer, é pegar e ter acesso a uma boa manga. E o que me disseram é que as mangas aqui são excepcionalmente doces. E nós sabemos que, além dessas belas características geográficas, Belém enfrenta alguns dos desafios que todas as grandes cidades desse país, e mesmo já as médias começam a enfrentar, que é esse desafio da mobilidade urbana. O que é a mobilidade urbana? É o direito de cada um de nós, na cidade onde mora, ir da casa para o trabalho, do trabalho para casa, ir para uma universidade estudar, ter seu momento de lazer e tomar seu chopinho na esquina, ou no centro, ou aonde for que você queira tomar chopinho. Enfim, é o direito à vida, ao lazer, a visita a sua própria família, a passeio com seus namorados, esposos, noivos, enfim. Cada um faz o que quer, meu filho. Se o Papa disse isso, quem sou eu pra falar o contrário.

Então, essa questão da mobilidade urbana, que a gente fala mobilidade urbana, é igual a vida. Como é que você vive nessa invenção humana chamada cidade? Para você viver bem, tem de ter seu tempo, o controle do seu tempo. Numa grande aglomeração humana, o tempo é dado também pelo transporte. Quanto mais rápido o transporte, quanto mais seguro o transporte, quanto mais barato o transporte, melhor é para cada um de nós. Daí porque o governo federal, já nos dois últimos anos do presidente Lula, tomou uma decisão histórica. O governo federal tem de conseguir investir em transporte urbano de massa. Aí entendido metrô, VLT, o chamado BRT – o que quer dizer BRT, vocês sabem? É assim: Bus Rapid Transit. Mas não chama isso. A gente tinha de chamar BRT pelo nome que deu o criador dele lá, eu acho há uns 20, 30 anos, lá no Paraná, ele chamava Jaime Lerner, e botou o nome de Ligeirinho. Então, BRT é igual a ligeirinho. Vamos dizer, a versão brasileira do BRT, que é a versão inicial, porque ninguém fazia BRT, ele foi um dos pioneiros em segregação de corredor de ônibus e fazer o transporte rápido, o transporte rápido de ônibus.

Então nós resolvemos fazer isso. No início, nos dois últimos anos do presidente Lula, nós investimos um pouco. Mas no início do meu governo, deu para a gente fazer um projeto bem grande, bem robusto. E hoje nós temos um projeto de investimento em metrô, VLT, BRT, melhoria de sinalização, construção de situações em que a prefeitura ou o governo do estado pode gerir melhor o trânsito. Nós colocamos R\$ 143 bilhões, R\$ 143 bilhões. Nunca o governo federal botou tanto dinheiro em transporte. E era porque que nós botamos? É por isso, é pelo compromisso com a população, é pelo fato de que a vida de cada um dos brasileiros, ela tem de ser melhor pela renda, pelo que ganha, pelo emprego que tem, pela capacitação profissional, e pelo estudo que vai dar o futuro para eles e pelo presente, ganhando a maior quantidade possível de tempo em benefício da vida de cada um.

Por isso, nós fizemos isso e aí optamos por um tipo de transporte. Nós colocamos dinheiro do orçamento da União, e nós fazemos um tipo de investimento que eu chamo de mãe para filho. Qual é o tipo de investimento de mãe para filho que nós fazemos para estados e municípios? Porque é muito caro fazer transporte coletivo, se não for uma parceria, ou se a União não botar o dinheiro, não sai transporte coletivo no Brasil. E aí nós financiamos em 30 anos, com 5 de carência e 5% de juros. É isso que nós fazemos.

Então, continuando, a gente quer que melhore a rapidez, a segurança, então, nós chegamos à seguinte conclusão: vamos dar prioridade a segregação da via de transporte. Segregar via de transportes significa o seguinte: ou você faz metrô, porque o metrô... porque o metrô, segregar é o seguinte, não pode ninguém cruzar rua, ninguém pode cruzar a rua, não pode ter sinal de trânsito, é essa a ideia do metrô. Ele vai por baixo, ou ele vai pela superfície, que é o VLT, que é um veículo leve sobre trilho. Ele vai por cima, ele para de estação em estação, não tem travessia e não tem sinal de trânsito, essa é a ideia do sistema de trilho.

Aí, a gente pode fazer uma variante do sistema de trilho, que é o nosso Ligeirinho, que é segregar no corredor de ônibus, ter estações e você parar. Aí, tem cidades que são especiais, elas têm possibilidade de transporte fluvial. Aqui tem. Aqui tem esse grande valor que é o transporte fluvial. Porque ninguém fica fazendo um sinal no meio do rio, bota uma sinaleira lá. E você para, e as pessoas atravessam. Não tem isso no rio. O rio já está segregado. Então, é um grandiosíssimo negócio. Por isso que a gente quer olhar o transporte e juntar tudo. Junta o transporte fluvial com o metrô, com o VLT ou com BRT, ou com o que tiver, depende do lugar, não tem uma receita única. Belém não é igual a Belo Horizonte, aqui tem rio, Belo Horizonte tem riacho - eu sou de Belo Horizonte, por isso que

eu estou falando -, nós temos um córrego, Córrego do Leitão, aqui, não. Aqui é essa fantástica quantidade de água. Então, aqui nós estamos apoiando um sistema integrado, que é um sistema de transporte sobre a terra, esse transporte segregado que chamam BRT, e eu insisto em contar que chama ligeirinho. Insisto em contar isso. E o sistema de transporte fluvial. Então, essa nossa parceira é uma parceria importante. São R\$ 315 milhões. Um parte é dinheiro do orçamento, outra parte é financiamento, naquelas condições que eu disse, 30 anos, 5 de carência, 5% de juros. E aí nós vamos fazer vários corredores: o corredor centenário e outros, integrando a outros corredores que já estão sendo implantados com recursos federais que é o da Avenida Almirante Barroso e da Augusto Montenegro. E dentro dessa fantástica característica de Belém, e como diz a música, acho que foi o Jatene que citou a música “Esse Rio é Minha Rua”, dentro dessa ideia, da importância do transporte fluvial, este rio é minha rua, nós vamos apoiar a implantação e a reconstrução de 10 terminais fluviais. E vamos integrar - primeira vez que eu cheguei aqui, eu fui lá no mercado Ver o Peso. Primeira coisa que uma pessoa que vem de outros estados do Brasil faz é isso, vai lá no Ver o Peso. Por isso eu fiquei muito feliz de ver que tem uma estação no Ver o Peso, que ela vai ser modernizada... nós vamos modernizar, recuperar, tornar esta estação muito importante, porque eu digo para vocês: é símbolo de Belém. Para mim é símbolo. “Onde você vai? vou lá no Ver o Peso”. Sem desmerecer a Palha, o Mosqueiro e a Princesa Isabel. Sem desmerecer elas. Eu falei do Ver o Peso porque foi minha experiência, eu fui lá no Ver o Peso. Aliás, todas as vezes que eu vim aqui sem ser presidente da República, porque agora, para ir no Ver o Peso eu incomodaria metade do pessoal que estava lá no Ver o Peso, porque vai eu e toda a minha segurança. Mas quando eu era ministra não tinha isso, então, mesmo assim eu ia lá. Aí - obrigada pela informação, que eu não entendi porque eu não escutei... está bem, eu vou levar o chapéu, é que eu ganhei um chapéu para quando eu for para Marabá, eu boto o chapéu, ele me pediu, bota o chapéu e me agradece.

Bom, além disso, nós vamos implantar outros terminais, o ministro já falou aqui, mas eu acho muito importante repetir: Icoaraci, Combu, Ilha Grande, Cotijuba, Outeiro, e o da Universidade.

E nós fazemos outra coisa. Que é muito importante também. Tem hora que nós somos todos brasileiros muito apressados. Nós não olhamos para você chegar num ponto o que precisa fazer antes. Então eu quero aqui destacar uma coisa, nós também apoiamos, nós damos recursos para que se faça a elaboração dos projetos. Sem projeto não tem obra, sem projeto nós não temos o que fazer, sem projeto as coisas atrasam. Então, aqui hoje nós estamos também assegurando recursos para projetos nas obras do mergulhão do Terminal Tapanã, para um corredor de integração leste e para corredores de transporte de passageiros na área de expansão metropolitana. Ou seja, nós estamos não só financiando o que tá pronto, mas também criando as condições para que depois tenha coisa para fazer. Porque um dos maiores problemas que nós tivemos é que não tinha projeto no Brasil. Então, agora vai ter, e tem de dar para quem executa, quem está olhando o problema.

E aí eu quero falar sobre uma coisa que nós conquistamos e a gente tem de estar bem atento para que ela seja sempre mantida. O governo federal, desde o presidente Lula, passando pelos oito anos dele e agora nos meus quatro anos, nós jamais, em tempo algum, olhamos para que partido político ou em que agremiação religiosa ou em que clube futebolístico estava o governador e o prefeito. Jamais fizemos isso. Porque nós sabemos que, para além de qualquer coisa, o compromisso, eu fui eleita para ser presidenta de todos os brasileiros e brasileiras. Estou de olho nas brasileiras. O governador foi eleito para ser governador de todos os paranaenses. E o prefeito foi eleito para ser governador de todos os cidadãos e das cidadãs de Belém. Nós não podemos repetir a prática antiga e superada de usar do dinheiro público que é do povo brasileiro para fazer política com ele. A política que eu tenho de fazer é outra, é dos interesses da população. Então, nós temos parceria com todos os governos da federação, com todas as prefeituras da federação, nós olhamos para todos olhando as carências da população, olhando as características da população... me dá água por favor, olha que se não é você pedir, nem eu tinha lembrado que tem uma água aqui escondida.

Bom, eu quero dizer para vocês que isso é muito importante, isso faz parte, democracia é o direito das pessoas falarem, o direito e a liberdade de imprensa. A democracia é o fato de você respeitar as opiniões dos outros, mas democracia é também o uso republicano do dinheiro público. Democracia é isso. Daí porque, eu quero dizer para vocês que com essas obras e projetos, a nossa carteira de investimento em mobilidade urbana, aqui em Belém, ultrapassa R\$ 1 bilhão, e eu tenho absoluta certeza que não houve um investimento concentrado em 4 anos, ainda não deu quatro, mas em três anos e pouco, de R\$ 1 bilhão aqui em Belém, nunquinha.

Daí, eu quero dizer para vocês que isso é algo fundamental. Porque qual é o objetivo de você ficar integrando modal? Não é porque acha moderno. É moderno. Mas não é só por isso. Não é porque é correto, é por isso, mas não é só por isso. É, sobretudo, porque se você integrar o rodo, o fluvial, o trilho, quando houver o trilho, você obtém a possibilidade de ter um bilhete único. Quando você tem um bilhete único, o transporte fica mais barato para a população. E esse é um processo. Você não pode acordar de manhã e falar: "hoje vai ter bilhete único." Não adianta porque não vai. Mas você vai criar as condições para que num determinado momento você possa cobrar o bilhete único de uma ponta a outra da cidade. Todo mundo tá fazendo isso no Brasil, os prefeitos e os governadores, construindo as condições para que se possa cobrar um bilhete único.

Finalmente eu quero dizer para vocês algumas outras coisas. Eu quero aproveitar o momento e falar de duas coisas, primeiro do Minha Casa, Minha Vida. O Minha Casa, Minha Vida é um programa que nós construímos porque, obviamente, houve toda a participação dos movimentos sociais, até porque eles construíram a proposta das construções de interesse social num determinado momento junto com o Congresso. Houve toda uma discussão a respeito do fato que nós não tínhamos no Brasil uma política habitacional. Então, quero dizer para vocês que o Minha Casa, Minha Vida é fruto da seguinte reflexão: casa não é privilégio. Primeira reflexão. Não pode ser privilégio de alguns. Casa tem de ser direito de todos. Segunda reflexão: a segunda reflexão foi a seguinte: entregue a uma oferta só de mercado, essa coisa não fecha, a equação não fecha. Por que? Porque quem ganha até R\$ 1.600, não tem condições de atender sua família, alimentá-la direito, não tem condições de fazer tudo o que tem de fazer e ainda pagar um financiamento a preço de mercado de R\$ 50 mil, R\$ 45 mil, dependendo da região, R\$ 55 mil. Não tem. A equação não fecha. A pessoa não vai ter dinheiro no fim do mês para viver e pagar a casa. Era essa a constatação.

Daí, nós fizemos o seguinte: nós chegamos à seguinte análise, de onde vem o dinheiro do orçamento da União? Vem do pagamento de impostos, de todos os brasileiros e brasileiras. É absolutamente justo que esse dinheiro sirva para que a gente garanta para aquela população mais pobre, mais frágil o acesso a sua casa, porque assim fazendo, nós estamos melhorando a vida de cada um e de cada uma. Daí nós colocamos uma quantidade expressiva de dinheiro para subsidiar. O que é subsidiar? O governo paga uma parte da casa, e o cidadão ou cidadã, o chefe da família, os homens e as mulheres desse país pagam a outra... para vocês terem uma ideia, nas faixas de renda mais baixa, nós pagamos em torno... o governo federal, paga em torno de 95% do valor da casa. É isso que nós pagamos. Por isso que sai do chão o programa. O programa sai do chão porque nós pagamos uma parte, e também o Fundo de Garantia contribui, totalizando esses 95%.

Por isso que cada pessoa do Minha Casa, Minha Vida que entrar dentro da sua casa, entre de cabeça erguida porque não deve nada a ninguém. Esse dinheiro é da cidadania desse país, não deve ao governo federal também não. A única coisa que nós fizemos foi fazer a opção política correta, a opção política em favor daqueles que no Brasil nunca tiveram todos os direitos. Nós olhamos também para a faixa superior, a que vai de 1.600 até 2.230, mais ou menos. Eu não estou, hoje, com esse número preciso, mas é em torno disso. Nessa faixa, a gente dá a contribuição menor, quanto maior a renda, menor a contribuição. Mas todos têm contribuição de alguma forma até 5.000 reais. Ela vai diminuindo muito porque todo mundo no Brasil tem direito à casa própria, e além disso é bom saber que a casa própria não só é um sonho, como é uma realidade no Brasil. Nós estamos perseguindo isso, melhorando a cada vez quando fazem uma crítica ao programa nós vamos lá e olhamos. Eu sou, por exemplo, uma presidenta que ao visitar uma casa, como a gente é mulher, você olha como é

que está a cozinha, se o azulejo da cozinha vai até uma certa altura para se facilitar que se lave, olha se tá azulejado o banheiro, olha o tamanho da janela para ver se está entrando sol direitinho, olha o acabamento. Nós e a Caixa Econômica temos de fazer isso, melhorar cada dia mais o padrão construtivo. Porque para o povo desse país nós não queremos qualquer coisa não, nós queremos que ele tenha o melhor possível.

Assim, gente, eu quero... eu encerrei a minha parte do Minha Casa, Minha Vida. Quero dizer outra coisa que eu acho importantíssima e que aqui no estado do Ceará... não, do estado do Ceará, desculpa, gente, é que eu vim do Ceará. Ontem eu estava no Ceará... eu não falei uma coisa... falei, sim, falei para vocês que aqui no Pará, o Minha Casa, Minha Vida tem, em todos os municípios, 34 mil casas entregues, e tem 83,7 mil contratadas. O total é 117,7 mil casas aqui no Pará.

Quero falar outra coisa aqui também, que é o Pronatec, eu acho o Pronatec um dos melhores programas que nós fizemos. É um programa de capacitação profissional, é um programa de formação técnica, e aqui é um dos estados em que isso tem sido muito bem realizado. Nós temos uma parceria com o Sistema S, o Senac, o Senai, o Senat e o Senar. Essa parceria é feita com eles, com as nossas escolas, e ela resulta que aqui nós temos 126,4 mil matrículas no Pronatec.

E por último eu quero falar do Mais Médicos. Quando eu fui fazer o Mais Médicos, disseram para mim: “não faça, presidenta, não faça esse programa do Mais Médicos, porque vai dar uma... vai ter muita crítica, vai ter muito problema. Não faça”. Bom, eu sabia que ia dar muita crítica, mas eu tinha certeza que o povo brasileiro, quando esse programa começasse, ia saber que estávamos no caminho certo. Por que, gente? Aqui no Pará, por exemplo, pediram para nós 537 médicos. Até o fim desse mês de março, já estão em treinamento, vai ter aqui 530 em 124 municípios. E a partir do início de abril – porque também nós já estamos treinando-, nós teremos e cumprir mais sete médicos para chegar ao que foi pedido em setembro, entre agosto e setembro. Então, eu quero dizer para vocês que eu tenho muito orgulho do Mais Médicos. Sabe por que eu tenho? Primeiro porque nós, de fato, tivemos coragem para fazer o programa, mas, sobretudo, porque esse programa, ele visava uma coisa, é impossível dar saúde de qualidade para alguém se não tem o médico no posto de saúde. 80% dos problemas de saúde podem ser resolvidos num posto de saúde. Os 20% restantes precisam ou de Unidade de Pronto Atendimento, a UPA, ou hospital. Mas 80% é fundamental, até para que não haja fila nos hospitais e a UPA's, que você dê um bom atendimento. É certo que você não dá um bom atendimento se não tiver médico. Você não tem como dar um bom atendimento se não tiver médico. Daí, nós, não só tínhamos de ampliar os postos de saúde, aqui, por exemplo, tem 524 postos de saúde aprovados para serem construídos, com também a gente precisava de médicos. E aí, o que nós fizemos? Chamamos primeiro os médicos brasileiros para trabalhar nesses postos. Depois chamamos os médicos formados fora do Brasil para ocupar esses postos. Isso vai melhorar a qualidade da saúde, aqui e em todo o Brasil. Isso vai melhorar a qualidade da saúde aqui e em todo o Brasil. Eu destaco a necessidade, nós vamos chegar agora em abril, ofertando os 13.225 médicos que nós havíamos nos comprometido. Pelos critérios da Organização Mundial de Saúde e da Opa, a Organização Panamericana de Saúde, isso significa aumentar a cobertura para 46 milhões de pessoas. É isso que significa o Mais médicos.

Por isso, eu quero dizer para você: mobilidade urbana, garantir mobilidade urbana, garantir educação, garantir saúde é, além de vários outros compromissos que temos, mas esses são fundamentais, porque eles atacam na raiz um dos problemas mais importantes: como melhorar a qualidade de vida de cada um dos brasileiros e cada uma das brasileiras.

Aqui no Pará, eu fico muito satisfeita, mas quero dizer para vocês que tanto uma presidenta quanto um governador, quanto um prefeito, quando conquista uma coisa tem de pensar: conquistamos, é verdade, mas é só um começo. Nós, como cada um dos brasileiros e das brasileiras, sempre queremos mais, vocês querem mais. Quando vocês conquistam, vocês têm de querer mais. Então, eu quero dizer o seguinte: mas estamos aqui prontos, em parceria com vocês, em parceria com as autoridades do estado, em parceria com os empresários, para sempre avançar e construir mais para nós, porque é isso que é governar um país. Muito obrigado, e um beijo em cada uma e cada um.

Ouçã a íntegra (35min41s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-anuncio-de-investimentos-do-pac2-mobilidade-urbana-para-belem-pa-belem-pa-35min41s>) da Presidenta Dilma

20-03-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de lançamento do edital do Pedral do Lourenço e entrega de máquinas a municípios do Pará - Marabá/PA

Marabá-PA, 20 de março de 2014

Boa tarde. Boa tarde. E agradeço, agradeço de coração. Boa tarde a todos os paraenses e as paraenses que estão aqui. Boa tarde a vocês, cidadãos e cidadãs do nosso querido Brasil.

Quero dirigir um cumprimento muito especial para os prefeitos e para as prefeitas. Os prefeitos e as prefeitas são elos importantíssimos da corrente que leva o nosso país para frente.

Queria também saudar aqui os agricultores familiares, os representantes dos movimentos sociais, que também são a corrente que levam esse Brasil para frente.

Saudar o governador Simão Jatene, governador do estado do Pará.

Companheiros, nós, com muito esforço conquistamos a democracia. Todos nós, de uma forma ou de outra, lutamos pela democracia, e democracia é necessariamente saber que este país é imenso, é grande, é diverso, tem diferenças de posições políticas, tem visões culturais diferentes. Agora que nós temos uma característica: nós somos aqueles que convivem entre si de uma forma muito harmônica, porque não temos guerra, nós não temos conflito racial, não temos lutas étnicas. E também tem outra coisa: somos pacíficos porque vivemos em paz com os nossos vizinhos por 140 anos. Não somos iguais a certas regiões do mundo onde, infelizmente, é uma coisa que a gente tem de lamentar, mas também de reconhecer: aqui não há guerra, aqui é um continente de paz. E acho que uma das características da democracia é a gente deixar... brigar a gente tem de brigar, brigar pela democracia, brigar contra a desigualdade. Agora, eu quero dizer para vocês: também temos de lutar para que todas as pessoas tenham o direito de falar... tenham o direito de externar sua opinião. E aí, eu queria continuar cumprimentando nosso prefeito, aqui de Marabá. Queria cumprimentar o João Salame, companheiro valoroso, e a senhora Bia Cardoso. Cumprimentar os dois, primeiro pela recepção muito calorosa que ele está fazendo para mim aqui, e para os meus ministros aqui em Marabá; depois, também, pela parceria e a determinação do João Salame em levar a cabo. Porque no Brasil tudo vai ter que ser um trabalho de parceria, onde todo mundo vai ter que dar sua contribuição. Quero agradecer ele. Ao fazer isso, eu estou agradecendo a cada um e a cada uma das prefeitas e prefeitos aqui presentes.

Cumprimentar os ministros de Estado. César Borges, dos Transportes, Miguel Rossetto, do Desenvolvimento Agrário, e o nosso ministro Traumann, da Comunicação Social.

Cumprimentar a nossa ex-senadora, Ana Júlia Carepa, ex-governadora do estado, minha amiga Ana Júlia.

Cumprimentar o vice-governador do Pará, o Elenilson Pontes.

Cumprimentar os senadores aqui presentes. Os senadores aqui foram também, junto com as lideranças daqui, lutadores por esta questão do Pedral do Lourenço. Então eu cumprimento o senador Jader Barbalho, Mário Couto e Flexa Ribeiro.

Queria dirigir um cumprimento especial a uma mulher, ela é senadora pelo Tocantins e é presidente da Confederação Nacional da Agricultura, e também lutou muito pelo Pedral, para acabar, para a gente poder acabar com essa história de não ter um tráfego aqui nessa grande estrada das águas, que é a hidrovia Tocantins-Araguaia, ou Araguaia-Tocantins. Eu queria também... Aliás, a senadora disse uma coisa para mim quando eu vinha para cá, disse que é assim que sai na imprensa, sai assim, oh: 'Presidenta Dilma e outros.' Então eu queria falar aqui hoje, que os outros eu estou nomeando – governador Jatene, senadora Kátia Abreu, senador Jader Barbalho, Flexa Ribeiro, Mário Couto, e estou falando também do Elenilson aqui, ó, ninguém esquece do Elenilson, e dos ministros. Então não tem outros, tem pessoas.

Queria também cumprimentar os deputados federais aqui presentes: o Asdrúbal Bentes, o Beto Faro, o Cláudio Puty, o Dudimar Paxiuba, a Elcione Barbalho, o Giovanni Queiroz, Miriquinho Batista, Wandenkolk Gonçalves, Zé Geraldo.

Cumprimentar aqui os vereadores, ao cumprimentar a presidenta da Câmara de Marabá, a Júlia Rosa.

Cumprimentar o general Fraxe, que é diretor-geral do Dnit.

Cumprimentar o presidente da Federação das Associações dos Municípios do estado do Pará – Famep – o Helder Barbalho.

Cumprimentar o coordenador regional da Fetag/Contag, o Antônio Gomes.

O representante da Associação Comercial de Marabá, o Gilberto Leite.

Cumprimentar também o senhor Mirandinha, presidente do Sindicato Rural.

Enfim, cumprimentar cada um, das mulheres, dos homens, dos jovens e das crianças aqui presentes nesta cerimônia.

Eu quero dizer para vocês que eu estou muito feliz de ter aqui duas pautas. Uma pauta que é a hidrovia do Tocantins, essa hidrovia Araguaia-Tocantins, e também toda a pauta da entrega de máquinas aos prefeitos, do kit de máquinas aos prefeitos.

Vou começar falando da hidrovia. Essa hidrovia é uma coisa muito importante para o Brasil, porque além dela ser muito importante aqui, ela é um símbolo do que podem ser hidrovias no nosso país. Sempre a gente tem de lembrar que quando nós começamos a construir este país, lá pelos 1500, 1600, as estradas únicas que existiam e que levaram este país a ser do tamanho que ele é, o que deve ser um orgulho de todos nós, foram as estradas de água, foram os rios. Foi pelos rios que nós ocupamos o Brasil, foi pelos rios que o Brasil ficou deste tamanho que tem.

Agora, nós pegamos e fomos para as rodovias no século passado. Abandonamos as ferrovias, agora nós temos que fazer um caminho de volta, para as ferrovias e, sobretudo, para as hidrovias. A hidrovia no Brasil é, sem dúvida, um dos, eles chamam de modais de transporte, mais baratos, mais eficientes, e que têm uma característica, ela só flui, ela não é interrompida.

Por isso que eu quero dizer que essa hidrovia Tocantins, Araguaia-Tocantins, ela de fato, nesse trecho que nós estamos falando aqui, tem 456 km, mas ela é muito maior. Ela teria 1.500 km se a gente contasse lá de Peixe, onde vai estar a hidrelétrica de Peixe Angical, até a foz do rio, em Belém. Ela, portanto, é uma hidrovia que é do tamanho, para a gente ter uma ideia, em relação ao que ocorre no mundo, como se a gente fizesse uma estrada entre Lisboa e Paris. É como se fosse uma estrada entre Lisboa e Paris.

Portanto, ela é extremamente importante. Nós hoje, estamos tratando do pedaço dessa hidrovia que é estratégico para ela ser viável, que é a questão do Pedral do Lourenço. Um pedral de 43 km, não é um pedral trivial. Por isso, muitos estudos foram feitos, foram feitos

por vários, várias instituições, de universidades, passando por empresas. Foi feito agora também um estudo pela Marinha. O governo federal tem perfeita clareza da importância das hidrovias para nós termos várias vantagens com ela. Primeiro, para a gente ter uma ideia, 54% de toda a produção de grãos do Brasil está do paralelo 16, Centro-Oeste, para cima. É aí que está 54% de toda a produção de grãos. Além disso, o que é que nós temos? Nós temos que, dessa produção, vejam vocês, é toda acima do paralelo 16, e 86% dessa produção, ao invés de sair pra cima do paralelo 16, sai para baixo, vai para Santos, em São Paulo; para Paranaguá, no Paraná. E aí, o que acontece? O porto de Paranaguá e o porto de Santos ficam congestionados. Qual é a ideia estratégica que está por trás dessa hidrovia? É escoar nossa produção em direção ao norte, e fazê-lo por todos os modais possíveis, enfatizando o modal hidrovia.

Hoje já tem uma parte importante da produção de grãos que sai por Porto Velho, pelo Madeira. Nós temos de perceber que essa ligação por hidrovia que nos levará daqui até Vila do Conde, ela é estratégica. Até Açailândia, e acima de Açailândia, complementando com a ligação Açailândia-Vila do Conde, ela é crucial, não é só para o Pará, não é só para o Norte, ela é crucial para o Brasil. Além disso... Já falei aqui, então, dos grãos, mas, além disso, tem algo que também pode sair por aqui: é a produção da Zona Franca de Manaus, que tem essa possibilidade também de se viabilizar o seu... e garantir o seu escoamento.

Queria dizer também que o custo de transporte feito por hidrovia é muito mais barato, é 50% mais barato que uma rodovia. Agora, tem uma comparação que eu acho ainda mais interessante, que é a seguinte: um comboio, vamos fazer o seguinte, vamos pensar um comboio na hidrovia, um conjunto de carretas na rodovia e um conjunto de vagões de trem, como é que eles se comparam? Eu vou dar dois, aqui: um comboio com 6000 toneladas, ele representa só 4 chatas e um empurrador, ele equivale, em capacidade de transporte, a 172 carretas enfileiradas. Vocês só imaginam. Sabe o que dá isso? Dá em torno de 26 km de carreta.

Você veja que, com 4 chatas e um empurrador, você transporta a mesma coisa que você está transportando numa rodovia com 172 carretas, o que mostra a importância dessa hidrovia em termos de custo, de ligação entre esta região onde está uma parte do futuro do Brasil, porque nós ainda chegamos nessa região por último. O Brasil é um país que começou pelo litoral. Esse século é o século da interiorização do Brasil, é o século do Centro-Oeste e é século do Norte. Vocês podem ter certeza disso.

Daí porque hoje é um momento histórico, porque nós estamos fazendo o primeiro movimento, o primeiro grande movimento, para viabilizar uma das mais importantes hidrovias do país. Nós vamos ter que fazer outros movimentos. Vocês vejam que nós podemos conceber chegar daqui até lá embaixo na Argentina por hidrovia, ou se não for inteiramente por hidrovia, uma parte hidrovia, outra parte rodovia, enfim, integrando os modais.

Eu quero dizer que é muito importante aqui também para o Pará. Eu estou, eu acompanhei toda a luta no governo do presidente Lula, os 8 anos, para que vocês tivessem uma siderurgia. Aí foram feitas várias reuniões na época da Ana Júlia, várias outras reuniões na época do governador Jatene. Tem um requisito que sempre a Vale do Rio Doce levantou. Ela dizia assim: é preciso ter logística para fazer a integração e criar aqui uma unidade. Pois muito bem, essa hidrovia é a melhor logística possível. Então, ela resolve uma das questões muito importantes para se fazer o polo siderúrgico aqui, fazer a integração aqui. Aquela questão que eu nunca estive aqui no Pará sem que ouvisse de todos os paraenses que eu encontrei a seguinte questão: 'Não é possível que a gente produza o melhor ferro, não é possível, e que a gente exporte ele em bruto, que a gente não gere e nem agregue valor aqui. Por isso, essa hidrovia é, sem dúvida, um passo para isso, um passo importante para isso. E eu tenho certeza que hoje nós estamos num momento histórico para o Brasil e aqui para o Pará.

Além disso, eu quero dizer para vocês que eu estou também participando de um momento excepcional, que é essa questão das máquinas. Queria dizer ao prefeito o seguinte: prefeitos, o dinheiro das máquinas é de vocês, vocês não precisam me agradecer a doação. Não precisam, não tem nenhuma necessidade de agradecer nenhuma doação de máquinas.

Nós estamos fazendo as doações de máquinas porque o governo federal... não existe o federal. O que existe? Existe... nem os estados, viu, governador? Nem os estados. Só existe município. Fisicamente só existe município. Então só pode ser nos municípios que as obras, as iniciativas acontecem. É simplesmente assim. E por que nós resolvemos fazer esse kit de máquinas? Por achar que era importante que os prefeitos tivessem o que havia de melhor em equipamentos no Brasil. Vocês podem ver que os equipamentos que foram entregues – a retro[escavadeira], a moto[niveladora] e o caminhão-caçamba – eles têm um objetivo: dar cada vez mais autonomia à ação dos prefeitos e das prefeitas para fazerem estradas vicinais, para garantirem que por elas passem aquele ônibus amarelinho do Caminho da Escola, para que as ambulâncias trafeguem, para que as pessoas se visitem, para todas as trocas de mercadorias.

E aí, prefeitos e prefeitas, eu quero lembrar aos senhores que, no ano passado, nós combinamos com todos os prefeitos que íamos repassar para dar uma contribuição ao pagamento do que se chama custeio, nós íamos passar 1,5 bilhões de reais em 2013, e 1,5 bilhão em 2014 para todos os prefeitos, respeitando os critérios de distribuição existentes no país. Em abril começa essa distribuição e é uma forma de a gente estar dando uma contribuição para os senhores prefeitos.

Eu queria me referir a mais dois, duas questões, dois programas. Primeiro, aqui em Marabá o governo federal, no período do meu governo, tem ainda o período do governo Lula, mas eu vou falar do meu, se a gente somasse com o governo Lula seria maior, mas eu vou falar do meu. Nós temos hoje um investimento em aqui em Marabá de R\$ 681 milhões, se a gente considerar algumas obras. Em pavimentação urbana nós temos R\$ 52 milhões; em urbanização de assentamentos precários, R\$ 65 milhões – é R\$ 65 milhões e os quebrados eu não vou dizer; água em áreas urbanas foram R\$ 191 milhões; saneamento, R\$ 305 [milhões]. E fizemos obras de rodovias na BR-230 e na BR-155, e na transmissão de energia. Se a gente tirar a transmissão de energia, né, que é a linha de transmissão Itacaiúnas-Carajás, Tucuruí-Itacaiúnas e Itacaiúnas-Colinas, né, se a gente pensar nelas, não é tirar elas, destacar elas, nós vamos ver que essas linhas também são essenciais para o Brasil. Contribuem para que a gente tenha um sistema elétrico mais robusto.

Então, aqui em Marabá, nós temos tido uma parceria muito boa. Quero dizer para o prefeito, que eu acho que o prefeito tem mesmo é que ser pidão, não vejo nenhum mal, seria estranho que um prefeito não fosse pidão. Agora, né prefeito, distribua a 'pidãozisse' entre eu e o governador, dá uma força também, né prefeito. E aí eu destaco uma coisa que eu considero muito importante. Eu considero aqui muito importante alguns programas, é importante em todos os municípios. O programa Minha Casa Minha Vida, o programa Mais médicos, o Pronatec, o programa de creches e a construção de universidades pelo interior do Brasil.

Nós fizemos o maior movimento. Nós quem? O governo do presidente Lula e, agora, o meu, para interiorizar duas coisas: campus universitários e escolas, que nós chamamos Institutos Federais Tecnológicos. Para garantir o quê? Capacitação profissional.

E aí nós montamos um programa de complementação do Mais Médicos, que também implica em interiorização. Nós queremos que os médicos se formem no Brasil. Para se formar um médico no Brasil leva-se, em média, 6 anos, mais um períodozinho de residência. Nós, hoje, estamos fazendo um duplo movimento: aumentando as vagas nas escolas de medicina e aumentando as oportunidades para residências. Queremos que haja uma oferta de médicos brasileiros formados aqui adequada. Mas também reconhecemos que o povo não pode esperar. Eu não posso esperar que se forme um médico para atender a população. Se eu pudesse fazer isso, eu seria uma presidenta completamente inepta. Por quê? Porque eu não estaria cuidando do interesse da população. Uma obra até pode esperar um pouco, a gente não deve deixar obra esperando, não, eu passo os dias brigando para a obra não esperar, mas eu tenho de passar todos os minutos da minha vida como presidente para que o povo brasileiro não espere, para que eu saiba que o atendimento às pessoas seja o adequado.

Por isso nós fizemos o Mais médicos e trouxemos médicos do exterior, formados no exterior. Eu agradeço todos os médicos que vieram do exterior, todos os latino-americanos, e agradeço os médicos cubanos, agradeço muito, porque eu sei uma coisa: eu sei a qualidade

do atendimento que está sendo dado à população brasileira. Porque nós temos o retorno, nós ouvimos a população, e a população agradece pelos médicos.

Aqui no Pará, eu quero sempre lembrar, vocês pediram 560 médicos, sendo que 537 para cidades e 23 médicos para o tratamento da saúde indígena. Desses 566 médicos, até o final de março nós teremos 530 em 124 municípios. E só vão faltar, em abril para a gente cumprir a meta, sete médicos em cinco municípios.

Quero dizer para vocês que eu tenho certeza, certeza que esse é um programa que melhora a vida dos mais pobres deste país. Mas não é só dos mais pobres, não, índios e quilombolas. Não é só, não. Em muitas cidades, como São Paulo, melhora a vida também daqueles que vivem nas periferias, que são de classe média e que também não têm acesso a posto de saúde. Daí por que esse é um programa que beneficia uma parte importante da população brasileira. Pelos cálculos da OMS e da Opas – a OMS, Organização Mundial da Saúde, e a Opas, a Pan-Americana de Saúde –, nós, quando chegarmos em abril com 13.225 médicos, nós teremos coberto, de forma efetiva, 46 milhões de brasileiros e de brasileiras, 46 milhões de uma população de 200 milhões.

Então, eu quero dizer para vocês, com certeza também, que o Pronatec muda a vida das pessoas, porque o Brasil só vai ser um país de classe média, que é o que nós queremos que ele seja, quando nós dermos para todos os brasileiros e para todas as brasileiras, por isso cumprimento o prefeito ao me pedir três escolas de tempo integral, viu, prefeito? Te cumprimento por isso. É aquele pedido pidão que eu mais gosto, viu prefeito? Um pedido pidão para mudar a vida das pessoas aqui de Marabá, porque nós vamos ter de dar ensino em tempo integral para os nossos jovens e para as nossas crianças se nós quisermos garantir, neste país, duas coisas. Primeiro, é fato que nós tiramos 36 milhões da pobreza extrema. É fato que eu e o presidente Lula, nos nossos governos, teremos tirado... elevado para as classes médias 42 milhões de pessoas. Mas é um fato que nós temos de garantir que isso se perenize, se eternize, se mantenha de forma sustentável, e só tem um jeito de manter isso de forma sustentável, é só tem um jeito de manter isso de forma sustentável: educação, mais educação e mais educação. Começa na creche, começa na creche, todo mundo aqui tem que saber, principalmente os prefeitos.

Todos os estudos, por definição, todos os estudos mostram que até os três anos de idade, as crianças estimuladas com estímulos pedagógicos, com brincadeiras, com acesso a livros, que é o que as mães e avós da classe média fazem com seus filhos, elas, as crianças... A gente fala assim: "Ai, essas crianças de hoje, elas estão tão espertas", a gente não fala isso? Fala, todo mundo fala isso: "criança de hoje é espertíssima". Por quê? Porque ela está sendo cada vez mais estimulada. Nós temos de garantir isso para todas as crianças do Brasil. Como é que a gente garante? A gente garante, garantindo que a creche seja de boa qualidade, a creche pode ser de boa qualidade, e isso é algo que nós vamos ter de perceber que é a coisa mais importante que foi feita aqui no Brasil nos últimos tempos: aprovar a lei que destina para a educação 75% dos royalties do petróleo e metade do Fundo Social do pré-sal, sendo que, é bom vocês saberem que o Fundo Social do pré-sal, daqui a uns 5, 6 anos, vai ter muito mais dinheiro e significar muito mais dinheiro do que os royalties do petróleo. Isso é a fonte de onde nós vamos tirar os recursos. Porque os prefeitos iam falar para mim assim: "Olha, eu não tenho como manter a creche". O prefeito ia falar isso para mim. O governador ia dizer para mim: "Olha, eu não tenho como manter a creche". Eu mesma falaria para mim: "Vai ser caro para danar fazer essa creche". Porém, nós definimos os recursos, nós teremos 75% dos royalties do petróleo e 50% do Fundo Social, que é o excedente em óleo, ou seja, é o petróleo que cabe à União. Porque nós, no pré-sal, não queremos receber dinheiro, nós queremos receber é petróleo e, com isso, ter o lucro que todas as grandes empresas de petróleo têm no mundo. Por isso, é 50% do pré-sal e por isso que é muito dinheiro. Para vocês terem uma ideia, a gente calcula que aquele megacampo de Libra, mais ou menos, nos seus 30 anos, dará mais ou menos, se você considerar a receita que ele vai gerar, em torno de 1 trilhão de reais. Um trilhão de reais é dinheiro pra danar, é uma metade e mais um pouquinho... aliás, metade e menos um pouquinho do PIB do Brasil hoje. É, metade bastante menos... o PIB do Brasil é maior que isso.

Mas, voltando, escola em tempo integral em dois turnos é crucial para o Brasil ir para frente. Formação técnico-profissional, escola de nível médio que não tenha parte de formação técnico-profissional para nós não é negócio. O Brasil tem de formar seus jovens e dar condições para eles serem técnicos de alto nível. Você não precisa só ser universitário, você pode ser um bom técnico, pode ter uma capacitação profissional, como ocorre nos países desenvolvidos, e ganhar até mais do que algumas áreas universitárias.

Mas, acabando a história, eu quero dizer para vocês, e tem um caminho de oportunidades para o jovem hoje. A prova do Enem, que é aquela que ele faz ao concluir o curso médio, o que acontece? O jovem hoje tem condição de se sentar na frente de um computador e fazer 117 vestibulares simultâneos para as universidades federais. Como? Porque ele entra e olha a nota dele onde ele se classifica, e dá a sua opção. Eu, quando fui fazer universidade, eu fiz dois testes e tinha de viajar para fazer os testes. Hoje ele se senta na cadeira e faz isso. Mas vamos supor que ele não passe. Aí ele pode tentar o ProUni, que é uma bolsa que o governo abre mão de imposto para a universidade privada, desde que ela aceite o estudante cadastrado por nós, do ProUni. Vamos supor que ele não conseguiu. Ele pode obter um empréstimo em qualquer banco público, no qual... pelo qual ele vai pagar o seu curso no tempo do curso vezes 3 + 1, ou seja, vamos supor que ele fez Direito, Direito é cinco anos, $5 \times 3 = 15 + 1 = 16$. Ele tem 16 anos para pagar depois de formado. E os juros são juros que permitem que ele pague, são abaixo, bem abaixo a prestação dele, do que ele pagaria se fosse fazer, pagar uma universidade privada.

Aí, vamos supor que em nenhum desses ele passou, ele ainda tem o Sisutec, que é o exame unificado nacional para curso técnico de alta qualidade, que dura entre um ano e meio e dois. Eu chamo esse percurso de caminho da oportunidade.

Caminho da oportunidade é isso, nós estruturamos em que condições os jovens desse país são incluídos, nós estruturamos isso. E tem um finalmente, aí, se ele for um bom estudante, e querer se dedicar, ele tem chance de estudar nas melhores universidades do mundo no Ciência sem Fronteiras. Ficar lá à custa do governo brasileiro, com o governo federal pagando estadia, matrícula e todas as necessidades de um estudante, e ainda, vamos supor que ele tenha só rudimentos de inglês, nós pagamos seis meses de curso no exterior para ele fazer imersão na língua. Vamos supor que ele queria, é, fazer na Alemanha, porque na Alemanha tem engenharia melhor, e ele for fazer na Alemanha. A gente paga aí oito meses de curso, porque alemão é mais difícil para nós latinos.

Então, o que eu quero dizer é o seguinte, a educação é o nosso caminho. Quanto mais educação, melhor para cada uma de nós, melhor para cada um de nós. Eu não posso falar do Pedral e achar que o Pedral é só pedra. Não é só pedra. O Pedral é a forma pela qual a gente liga tudo isso. Liga educação, liga com saúde, liga com desenvolvimento, liga com melhor emprego, liga com mais produção de grãos. Enfim, o Pedral faz parte de um processo que é transformar esse Brasil num país cada vez maior.

Hoje eu disse que, para quando a gente consegue alguma coisa, a gente falar: 'É, consegui.' E aí passa a pensar assim: 'Isso que eu conquistei é só um começo, só comecei.' Nós só começamos, queridos paraenses e paraenses. Nós só começamos, porque o Brasil vai ser do tamanho que cada um de nós sonhar. O tamanho do meu sonho e o tamanho do sonho de cada uma das mulheres, dos homens, das crianças aqui, é que vai levar esse país para se tornar o que ele merece ser, um dos países melhores para se viver. Obrigada, viu gente?

Ouçã a íntegra (38min58s) do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-edital-do-pedral-do-lourenco-e-entrega-de-maquinas-a-municipios-do-para-maraba-pa-38min58s)
<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-lancamento-do-edital-do-pedral-do-lourenco-e-entrega-de-maquinas-a-municipios-do-para-maraba-pa-38min58s> da Presidenta Dilma

20-03-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de inauguração da unidade de produção de celulose da Suzano Papel e Celulose - Imperatriz/MA

Imperatriz-MA, 20 de março de 2014

Boa tarde a todos.

Eu queria primeiro, cumprimentar a governadora Roseana Sarney, grande parceira do governo federal aqui no estado do Maranhão, e cumprimentar também o Jorge Murad, seu esposo.

Um cumprimento todo especial a esse empresário arrojado, determinado, e que tem levado um conjunto de investimentos do Brasil e hoje, aqui, nos premia com esse investimento excepcional, numa área tão importante para o Brasil, que é a área de bens intermediários, produzindo celulose aqui nessa fábrica. David Feffer, presidente do conselho de administração da Suzano Papel e Celulose. Eu te dou os parabéns e, por seu meio, eu quero cumprimentar todos os dirigentes, todos os funcionários e as funcionárias do Grupo Suzano Papel e Celulose.

Cumprimento também o presidente da Suzano Papel e Celulose, o Walter Schalka, que tem liderado a Suzano nesse caminho de investimento, que é um investimento, a gente olhando tanto do solo como, como eu olhei do helicóptero, a gente percebe que é um investimento volumoso. Ela, essa empresa aqui, e esse projeto, ele é intensivo em duas coisas: intensivo em capital, ou seja, é necessário um volume significativo de recursos para tocar um empreendimento desses e, ao mesmo tempo, ele é intensivo em trabalho, pela quantidade de trabalhadores que aqui são empregados. Então, Walter, também, meus parabéns.

Queria cumprimentar os ministros que nesse ato aqui me acompanham: primeiro, o ministro Mauro Borges, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; o ministro César Borges, dos Transportes; o nosso ministro maranhense, que honra muito o meu governo, meu querido Edison Lobão; o ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rossetto; e o ministro da Secretaria de Comunicação Social, Thomas Traumann.

Eu queria cumprimentar também meu ex-ministro, um excelente ex-ministro, ministro do Turismo, que é o meu companheiro Gastão Vieira.

Queria cumprimentar e agradecer muito a recepção, cumprimentar o prefeito de Imperatriz, Sebastião Madeira, e cumprimentar a sua senhora, primeira-dama desse município, Conceição Soares Madeira.

Cumprimentar os senadores aqui presentes: o ex-presidente José Sarney, uma liderança desse estado; outra liderança, o senador João Alberto Souza, e o senador Lobão Filho.

Cumprimentar os deputados federais Francisco Escórcio e, novamente, o Gastão Vieira, que nos deixou agora e virou deputado federal.

Cumprimentar as senhoras e os senhores jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Queria cumprimentar cada um dos presentes, maranhenses, os maranhenses e as maranhenses.

E cumprimentar todos os cidadãos e cidadãs brasileiros aqui presentes.

Queria dizer para vocês que a minha vinda aqui para inaugurar a nova unidade de produção da Suzano Papel e Celulose me enche de satisfação e orgulho. E não falo isso, como se diz popularmente, da boca para fora. Eu falo isso com muita convicção. O Brasil é um país que muito se esforçou ao longo da sua história para produzir aqui o que todo mundo chama de insumos básicos. Nós sabemos que não se produzia insumos básicos no Brasil, não se produzia celulose, não se produzia aço, não se produzia petroquímicos, enfim, havia uma grande necessidade disso. Houve um esforço nos governos anteriores.

Mas eu queria dizer que eu considero que esse último período, de 13, 14 anos, teve uma característica. Nós conseguimos, eu diria, estabilizar, solidificar o investimento nesses ramos. E aqui hoje nós estamos inaugurando uma das maiores unidades produtoras de celulose. Daí porque eu sinto de fato muito orgulho e muita satisfação pelo Brasil, pelo Maranhão, pela cidade de Imperatriz, por toda a população, mas, sobretudo, eu sinto satisfação mesmo é por todo o Brasil, porque essa é uma realização aqui no Maranhão com o esforço dos maranhenses, do governo do Maranhão, da governadora Roseane, mas é também um benefício para o Brasil, um grande benefício.

Eu considero que aqui nós temos um exemplo de gente que sonha e, ao mesmo tempo, de gente que faz. Temos exemplos aqui de gente que se esforça todos os dias e ajuda a construir um novo Brasil para todos, gente que quer fazer muito e, por isso, consegue fazer muito. Acima de tudo, são pessoas que acreditam em si mesmas e acreditam no Brasil. Eu acho que essa unidade aqui representa algo fundamental: a crença em si mesmo de um grupo econômico que tem 90 anos, não é um grupo qualquer. Para empresas, 90 anos é muito mais do que para pessoas. É uma empresa centenária, já é centenária por todo o esforço feito, mas também significa que um investimento desses decorre da crença no Brasil.

Investir R\$ 6 bilhões gerando emprego, significa que esse grupo econômico olha o Brasil, viu, governadora, com otimismo, não olha com pessimismo, não olha achando que o Brasil não vai crescer, que o Brasil tem pela frente só dificuldades. Esse investimento dessa magnitude só é realizado quando também as perspectivas de rentabilidade e crescimento são boas, quando se percebe que é possível não só gastar, investir, colocar, por R\$ 6 bilhões, mas também quando se percebe que esses R\$ 6 bilhões vão resultar em mais emprego, mais renda para o conjunto das pessoas, mais capacidade de gerar mais riqueza e, com isso, mais investimento. E aí a roda gira e as coisas se fecham.

Creio que não é meu exagero dizer que nós temos aqui um testemunho da confiança dessa empresa, do Maranhão e do Brasil em si mesmos e em todos nós. Confiança no crescimento sustentável, já que a produção desta unidade está assentada em práticas certificadas de manejo florestal. Esse é o modelo que queremos para o Brasil, um país que fortaleceu nos últimos 10 anos, seu compromisso com a sustentabilidade ambiental, e que tirou na Rio+20, a conferência do meio ambiente que ocorreu no Brasil há pouco mais de dois anos, o seguinte lema: é possível crescer, é possível incluir, é preciso proteger e conservar. Essa unidade mostra que nós somos capazes de crescer e diminuir, ao mesmo tempo, o desmatamento. Essa é a combinação com a qual nós estamos comprometidos. E é muito bom ver essas empresas trilharem esse caminho.

O Feffer disse aqui, um dos Feffer, desculpa, um dos Feffer... É que eu chamo ele de Feffer. O Feffer disse aqui que, em 1950 – foi em 1950, Feffer? Foi em 56? Tá. Que eles... Ele já me contou essa história, eu não sei a data, mas eu acho ela muito interessante. Aqui, no Brasil, houve um grupo, logo no início, que foi a Suzano, que resolveu que era possível plantar eucalipto e, com isso, produzir celulose. É aquela história: parece simples vendo de hoje, só que na época não era nada simples, porque não tinha sido feito. Então, essa é uma iniciativa que tem por base uma tentativa baseada no conhecimento: eu vou tentar fazer isso, celulose com base no eucalipto.

Agora, aí eu estou chegando aqui, o Feffer me conta outro passo que ele está dando. O Feffer está buscando, na área de biotecnologia, porque hoje a biotecnologia, a nanotecnologia, todas as aplicações tecnológicas da indústria, por exemplo, da indústria de informações, são uma das áreas de descobrimento de novas técnicas, de novas tecnologias, de novos conhecimentos científicos, mas, sobretudo, elas se dirigem para inovações que alteram processos produtivos e produtos.

Então, o Feffer me conta que ele entrou lá no conselho da CTNBio e está propondo uma forma de produção baseada num avanço tecnológico baseado na Biologia. Óbvio que o CTNBio vai ter que analisar, mas eu, como cidadã deste país e presidenta, me congratulo, porque o Brasil precisa disso, o Brasil precisa introduzir inovação na sua produção para poder dar os saltos necessários. E como nós provamos na área industrial que é possível crescer, incluir socialmente, conservar e proteger, nós podemos fazer também biotecnologia, respeitando os padrões ambientais, eu tenho certeza, pelos compromissos que eu conheço – e aí eu vou me referir ao outro Feffer, com quem eu estive em muitas, muitas atividades da área de meio ambiente –, eu vou dizer que eu tenho certeza que vocês procuram trilhar esse caminho, o caminho da sustentabilidade.

Então, hoje, inaugurando esta unidade de celulose e, obviamente, de papel, eu fico muito feliz de saber que tem esse caminho para o futuro. Por quê? Porque sabe uma coisa que a gente aprende na vida e no governo? Que toda conquista é sempre só um começo. Você conquista e aí você pergunta: 'Qual é o outro Himalaia que eu vou subir amanhã?' E o que os Feffer se perguntaram, qual é o outro Himalaia, os outros Andes que eles vão subir amanhã, porque eles vão subir. É assim que a gente avança, é assim que a gente avança no social.

A gente cria o Bolsa Família, por exemplo. O Bolsa Família garante que nós vamos tirar da pobreza extrema 36 milhões de pessoas e que elevamos para a classe média outras 42 milhões de pessoas. Mas você sabe que para essa alteração, para que nós, de fato, tenhamos uma perenidade nessa conquista, você tem que avançar para além disso, você não pode ficar deitado em berço esplêndido, tem que avançar para além disso. Como é que se avança? Educação, educação e mais educação. Porque as pessoas carregam a educação consigo, as pessoas, um país educado é o que nós queremos. Nós queremos que os 200 milhões de brasileiros ou sejam técnicos, ou sejam cientistas, ou sejam professores, ou sejam universitários, enfim, todos nós temos que apostar na educação, cada brasileiro e cada brasileira. Por isso nós fazemos o Pronatec, para capacitar profissionalmente. Por isso nós criamos o caminho de oportunidades para as universidades, começa no Enem, aí faz aquele vestibular, são cent... Feffer, você fez vestibular, a gente fazia vestibular numa única universidade, numa única faculdade e olhe lá. Hoje, os jovens desse país fazem, ao se inscreverem através do Enem, 117 vestibulares simultâneos. Quando ele não passa em um, ele pode querer uma bolsa do ProUni para entrar numa universidade paga. Quando ele não passa nisso, ele ainda tem a possibilidade de contratar o financiamento do Fies. E quando ele passou nisso, está fazendo a sua universidade, é um bom aluno, por mérito ele pode estudar no exterior através do programa Ciência sem Fronteiras.

Bom, mas voltando ao nosso assunto: aqui vão trabalhar 3,5 mil brasileiros e brasileiras. Aqui, a Suzano qualificou muitos deles, aqui, eu tenho certeza, e o prefeito disse isso, as pessoas têm autoestima e têm orgulho de trabalhar aqui na Suzano. Por quê? Porque tem um padrão de formação, capacitação profissional, tem todo um conjunto de oportunidades. Nada mais representativo do Brasil que reencontrou o seu caminho de gerar empregos. Agora, em fevereiro, nós geramos muitos postos de trabalho. Foi um dos melhores fevereiro desde 2002 em matéria de geração de trabalho. E nesses anos do meu governo nós geramos algo, até agora, até fevereiro, como 4,8 milhões postos de trabalho. Se a gente olhar o nosso país e comparar com o resto do mundo, nós vamos ver que nós temos uma situação bem diferenciada.

Eu falei para vocês sobre o Pronatec, por quê? Porque nos países desenvolvidos, o trabalho técnico-profissional é algo muito importante. Nós temos que aprender a valorizar o trabalhador técnico, o trabalhador que se capacitou para ser um profissional. Em todos os países do mundo, esse trabalhador é muito valorizado e esse trabalhador faz a diferença. Ele faz a diferença entre um país que agrega valor, que produz aqui, e um país que não faz isso.

Por isso eu tenho muita confiança nessa unidade, porque formaram profissionais. Confiança também, ao chegar aqui, eu vi uma logística de transporte na qual o escoamento da produção dessa unidade será feito pela ferrovia Norte-Sul, e o embarque para exportação ocorrerá no Porto do Itaquí.

Eu faço aqui uma justiça. O senador Sarney foi a pessoa que concebeu a Norte-Sul, como presidente, e realizou um trecho da Norte-Sul. O presidente Lula foi lá e acrescentou mais outro trecho. Eu era da Casa Civil, e eu fazia o acompanhamento disso, e sei a importância que o presidente Lula dava à Norte-Sul. Aí eu continuei fazendo a Norte-Sul. O ministro hoje estava me dizendo que nós vamos inaugurar a Norte-Sul até Anápolis e já estamos construindo ela até Estrela d'Oeste, em São Paulo. Mas a Norte-Sul é a forma de escoar, porque é importante escoar para cima, né, é muito importante que você escoe para o Norte a produção, tanto de minério como de celulose, como de grãos. E, por isso, eu fico muito feliz com essa estrutura logística que aponta para a direção correta de escoamento.

Dois empreendimentos aqui receberam investimentos do PAC, e eles são expressão da nossa estratégia de modernizar e expandir os investimentos em infraestrutura, diversificando os modais e estimulando a desconcentração regional. Por isso, eu quero dizer o seguinte: eu considero que tanto as rodovias que saem para o Norte como as ferrovias, elas são muito importantes. Hoje eu estive em Marabá lançando o derrocamento do Pedral do Lourenço, para quê? Para ampliar a capacidade de transporte na hidrovía Araguaia-Tocantins.

Além disso, nós temos que olhar com atenção como transformar essa hidrovía, que nesse trecho já tem 450 km, numa, de fato, grande estrada de água, de mais de 1.500 km, saindo lá de baixo e subindo aqui para cima. Temos que fazer várias rodovias para escoar a produção mas, sobretudo, temos que fazer essas ligações ferroviárias da qual a Norte-Sul, que foi concebida ainda no governo do presidente Sarney e, de fato, ressuscitada no governo do presidente Lula e agora continuada no meu governo. E ela se tornará necessariamente uma das veias, das veias, das grandes veias de transmissão de toda a riqueza, de pessoas, de bens do nosso país.

Eu quero dizer a vocês que eu estou aqui em Imperatriz e não posso deixar de dizer que Imperatriz mudou, e mudou para melhor. Nós temos os dados disponíveis, viu, prefeito, do Censo. E se a gente olhar os dados do Censo, nós vamos ver o seguinte: em 2000, o PIB, Produto Interno Bruto, aqui de Imperatriz era [R\$] 800 milhões, e o IDH era baixo, era 0,591. Em 2010, em apenas uma década, uma década – porque nós não temos o dado para 2013, nem para [20]14, mas o último dado é 2010 –, em apenas uma década Imperatriz já tinha um PIB de [R\$] 2,4 bilhões. Então, de [R\$] 600 para [R\$] 2,4 bilhões, e o IDH de 0,731.

Nesses dez anos, todos vocês se esforçaram. Agora, eu só queria fazer um raciocínio: pensa no que vai acontecer depois de escutar esse conjunto de investimentos que foi feito aqui, e nós estamos num que significa [R\$] 6 bilhões, pensem bem como vai aumentar tanto o PIB aqui de Imperatriz quanto o IDH vai subir. Portanto, vai melhorar a economia, mas vai melhorar ainda mais a vida das pessoas.

Eu tenho certeza que aqui, como em todo o Brasil, as pessoas agarram com as duas mãos as oportunidades. Eu tenho certeza que nós vamos contar a história de hoje, e vai ficar muito claro quanto foi o crescimento tanto do PIB quanto do IDH. E isso, governadora, e isso, querido Feffer, torna essa cerimônia simbólica. Eu não vou ficar aqui falando dos investimentos que o governo federal fez aqui em Imperatriz, até por que eu estou saudando o investimento privado, o investimento aqui nessa unidade de papel e celulose. Queria falar só de um, só de um, vocês me permitam: na área de educação. Quero falar da importância de interiorizar universidades, da importância de interiorizar institutos federais tecnológicos e a importância do Pronatec.

O Pronatec é um programa de capacitação profissional, de capacitação tecnológica em parceria com o Sistema S... as universidades federais, os institutos tecnológicos, as escolas técnicas estaduais mais o Sistema S – Senai, Senac, Senat e Senar.

Nós, quando começamos esse processo colocamos uma meta para nós: a gente ia investir [R\$] 14 bilhões para produzir oito milhões de oportunidades, para formar, primeiro, aqueles que estão no Bolsa Família e podem entrar no mercado de trabalho, se a gente tiver um curso de formação; dois, os adultos, jovens, mulheres, negros, homens, que querem melhorar a sua especialização; três, a pessoa que sai do ensino médio e quer ter uma formação profissional. Por que isso é importante? Porque é isso que faz a diferença nas empresas. Então, nós, hoje, já conseguimos chegar a seis milhões, nós já formamos, pelo Pronatec, seis milhões de brasileiros e brasileiras. Seis milhões era na sexta-feira, hoje já é mais, porque cada dia muda, porque há turmas no Brasil inteiro.

Por isso, eu quero dizer para vocês, eu quero fazer é uma pergunta: em que Brasil nós teríamos uma empresa dessas, com essa situação, se não fosse esse Brasil novo que nós estamos construindo? E eu quero dizer que esse Brasil, ele será ainda maior daqui para frente. São várias iniciativas, como essa da Suzano, que permitem que eu afirme isso. Ainda, infelizmente, tem gente muito pessimista, muito pessimista, que acredita: 'Ah não, o Brasil não vai para frente.'

E aí eu lembro uma citação de um governador, que infelizmente faleceu, que gostava muito de falar sobre Os Lusíadas, é o governador de Sergipe, Déda. O que ele dizia? Ele dizia que se fosse pelos pessimistas, o Brasil não seria descoberto. E por que ele falava isso? Ele falava: "O Brasil é fruto do otimismo, porque lá nos Lusíadas, que é aquela obra que funda a língua portuguesa, tem uma hora lá que ele conta o seguinte: 'Estavam os nossos descobridores' – a gente não tinha sido descoberto ainda – 'estavam os nossos portugueses que vinham para o Brasil, se preparando para embarcar e, ao se preparar para embarcar, tinha um senhor idoso que falava: 'não vão não, se vocês forem, vocês... o navio vai afundar. Não vão não, porque no mar tenebroso vocês vão encontrar vários monstros. Não vão não, porque se vocês forem, as mulheres e as filhas de vocês vão ficar aqui nessa praia chorando porque vocês não voltarão''. Esse velho era conhecido como o Velho do Restelo", Restelo era o lugar que ele falava isso. Então, o Brasil não é um país que pode aceitar o pessimismo, porque ele é fruto do imenso otimismo que trouxe para cá, e que com ele veio os nossos primeiros colonizadores.

Infelizmente, nesse período também trouxeram os escravos, mas a gente tem que dar graças a Deus que uma parte da nossa nacionalidade é formada pelos negros, porque eles são responsáveis por uma parte importante da nossa cultura. Temos que dar graças a Deus também porque temos no nosso sangue, por ele corre, pelo sangue da nossa nacionalidade, o sangue indígena. Somos isso, somos um país diversificado, um país que, por ser diversificado, tem essa capacidade, essa paixão, esse otimismo que nada vai diminuir. Porque é um povo que quando tem oportunidade, ele faz, é um povo que sonha alto, e que é capaz de realizar o que sonha. Por isso, Feffer, prefeito, governadora, vocês estão de parabéns.

E eu queria me despedir de todos os trabalhadores que, com seus braços, com as suas mãos, construíram, todos os trabalhadores maranhenses, brasileiros, que construíram essa que é uma das homenagens que nós prestamos a esse novo Brasil e a nós mesmos que acreditamos nele.

Muito obrigada.

Ouçã a íntegra (33min15s) do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-inauguracao-da-unidade-de-producao-de-celulose-da-suzano-papel-e-celulose-imperatriz-ma-33min15s)
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-inauguracao-da-unidade-de-producao-de-celulose-da-suzano-papel-e-celulose-imperatriz-ma-33min15s>) da Presidenta Dilma

25-03-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de assinatura de ordem de serviço para início da construção de 1.461 unidades habitacionais, do total de 1.700, do Residencial Pinheirinho dos Palmares I e II, do Programa Minha Casa Minha Vida - São José dos Campos/SP

São José dos Campos-SP, 25 de março de 2014

Eu queria dirigir uma saudação toda especial a dona Cilene e aos seus cinco filhos. Dona Cilene, eu saúdo a senhora cumprimentando cada mãe, cada esposa, cada uma das mulheres, e também cada um dos homens da comunidade de Pinheirinho.

Eu quero cumprimentar a todos aqui pela dignidade que tiveram, ao lutar pelos seus direitos, porque eu quero dizer para vocês que na vida, quando a gente luta pelos direitos da gente, mesmo quando os acontecimentos são violentos, liquidam, como alguém disse aqui, uma caixinha de lembranças, a dignidade está na postura que a gente tem, e vocês foram capazes de mostrar uma força, de mostrar caráter, de mostrar dignidade diante, talvez, de uma das maiores violências que pode acontecer com uma família, que é perder seu lar, onde ela vive. Por isso, dona Cilene, ao cumprimentar a senhora, seus filhos, toda a sua família, eu estou cumprimentando cada uma das famílias do Pinheirinho.

Queria saudar também o ministro Gilberto Occhi, das Cidades.

Cumprimentar e agradecer a recepção, a parceria e a determinação com que o prefeito de São José dos Campos, Carlinhos Almeida, teve durante todos esses episódios.

Cumprimentar a nossa vereadora, Amélia Naomi, presidente da Câmara dos Vereadores.

E saudar também o prefeito de Pindamonhangaba, Vitor Ardito, presidente do Consórcio Codivap, aqui da região. Ao fazê-lo saúdo todos os prefeitos e as prefeitas aqui presentes.

Queria cumprimentar o senhor Silvio Torres, secretário estadual de habitação, que representa nessa cerimônia o governo de São Paulo, o governador Alckmin.

Cumprimentar os deputados estaduais: o deputado Adriano Diogo, o deputado Antonio Mentor, o deputado Enio Tatto e o deputado Marco Aurélio.

Queira dirigir um cumprimento muito especial aos meus ex-ministros: o meu ministro, o cientista, o dedicado servidor público responsável até o último mês pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, o professor Marco Antônio Raupp, aqui da região.

Queria cumprimentar também meu ex-ministro da Saúde, o médico Alexandre Padilha, que é um dos responsáveis pelo programa Mais Médicos.

Cumprimentar o presidente da Caixa Econômica Federal, o Jorge Hereda.

Queria cumprimentar também duas pessoas: o Paulo e a Márcia, ambos da Secretaria-Geral do Governo. Agradeço o Paulo Maldos e a nossa querida Márcia por tudo o que fez aqui nessa região em busca do acordo, do consenso e da construção de casas.

Queria cumprimentar o vice-prefeito de São José dos Campos, Itamar Coppio.

O secretário municipal de habitação, Miguel Sampaio.

Dirigir um cumprimento especial para Valdir Martins Marrom, presidente da Associação Democrática por Direitos Sociais.

Dirigir outro cumprimento especialíssimo a outro líder, o Toninho Ferreira, representante das entidades apoiadoras da comunidade do Pinheirinho.

Quero cumprimentar todos os prefeitos e prefeitas aqui presentes. O ex-prefeito Emídio, também ali presente.

Quero cumprimentar os senhores fotógrafos, cinegrafistas, e os senhores e as senhoras jornalistas.

É visível, aqui olhando tudo isso e sabendo toda a história, que um novo Pinheirinho está surgindo no horizonte. Esse novo Pinheirinho, que vai ser construído aqui nesse terreno, aliás, esse terreno, o Marrom disse que ele andou por vários terrenos. O Marrom participou da escolha desse terreno, e aí a gente tem de falar que o Marrom tem muito bom gosto, esse terreno aqui é muito bonito, viu Marrom. Eu acho que a gente devia na Caixa contratar o Marrom para escolher terreno para nós.

Bom, aqui nesse terreno, começam a ser erguidas uma parte das 1.700 [unidades]. Já a partir de agora serão 1.461 unidades. Mas nós vamos, agora em abril, essa é a meta que o ministro das Cidades me deu no avião. Em abril, responsabilidade dele e do presidente da Caixa, eles vão providenciar as condições para construir mais 239, de tal forma que as 1.700 acabarão juntas, e portanto, nós teremos essas 1.700 casas regularizadas, com todos os serviços públicos. Casas que vão proporcionar, a cada uma das famílias que virão morar aqui, a oportunidade de recomeçar a vida. Recomeçar a vida com essa dignidade que vocês demonstraram ao lutar pela moradia de cada um de vocês, de recomeçar a vida sem os sobressaltos que por anos marcaram a vida de vocês. Ao que eu saiba, essa luta começou 10 anos atrás, em 2004. Hoje, então, nós, no dia 22 de janeiro de 2012 nós tivemos aquele terrível episódio, que é um marco na luta de vocês. Mas hoje, apesar daquele dia estar gravado na nossa memória e na de vocês, eu tenho certeza que hoje vai estar gravada na memória e no coração de vocês como o dia em que a luta de vocês chegou a um bom resultado. O resultado que está em cada tijolo, em cada telha, no cimento, em cada pedaço da casa de vocês. O Marrom vai estar na copa, na cozinha, nos quartos. Vai estar também naquilo que cada um coloca na sua casa que é a sua alma, o seu espírito, porque ali vive com suas famílias, cria seus filhos, recebe os amigos, toma uma cervejinha, e assiste a televisão. Assiste a Copa, viu Marrom. Duvido que alguém aqui não vai assistir a Copa

Bom, gente, mas tem uma coisa: nós também devemos saudar o diálogo e as construções de todas as pessoas, das lideranças, das famílias do Pinheirinho, do governo municipal, do governo do estado e do governo federal que juntos, procuramos solucionar esta questão, que era a questão da casa própria. A prefeitura de São José dos Campos se comprometeu com R\$ 8,4 milhões, para garantir o acesso, a infraestrutura de água e esgoto, a infraestrutura externa de água e esgoto. O governo do estado de São Paulo também participou, deu sua contribuição, foram R\$ 34 milhões, de cada uma das casas, o governo do estado de São Paulo participa com R\$ 20 mil. O governo federal coloca o programa Minha Casa, Minha Vida. E o programa Minha Casa, Minha Vida, aqui no Pinheirinho, nós colocamos perto de R\$ 130 milhões, e serão R\$ 76 mil que nós colocamos em cada moradia.

E aí eu quero dizer para vocês: por que nós estamos fazendo esse programa Minha Casa, Minha Vida? E por que é necessário que se coloque esses recursos? Primeiro, eu quero dizer para vocês, de todos os programas do governo, sem exceção, o que usa mais recursos do orçamento é o Minha Casa, Minha Vida. Aí vocês podiam me perguntar, por quê? Eu vou responder por que. É porque até que o Minha Casa, Minha Vida tivesse surgido, não havia uma solução para a questão da habitação popular, habitação de todas as pessoas que têm direito à moradia nesse país. Por que não havia? Primeiro, porque a conta não fecha, de jeito nenhum se a gente for pensar numa solução exclusiva de mercado. Por que a conta não fecha? Porque é impossível pagar nas condições normais de financiamento, ganhando até

R\$ 1.600 - dois salários mínimos e meio... e pouco, é impossível pagar um financiamento de R\$ 96 mil. A conta não fecha nunca. Por isso o povo brasileiro morava ou em habitação precária, ou nas diferentes formas de favelização, ou na casa de parentes, ou pagava um aluguel. Nós resolvemos ter um programa de habitação popular. O que é um programa de habitação popular? É um programa em que o governo federal utiliza o dinheiro arrecadado de todo mundo aqui, de cada uma das famílias do Pinheirinho, arrecadado dos senhores prefeitos, arrecadado da presidenta, arrecadado aqui da nossa mesa, para quê? Para fazer uma política que beneficia aqueles que mais precisam no Brasil. E quem são aqueles que mais precisam? Aqueles que não têm casa. Porque para nós, a casa não é um privilégio, a casa própria é um direito de cidadania. A gente fala, e acho que nós temos de falar, sistematicamente, porque é um problema sério no Brasil a questão da segurança pública. Mas tem uma questão também de segurança que cada uma das famílias, eu sei e cada uma das pessoas aqui sabe, que uma família só tem segurança quando tem a casa própria. Ela pode até não ter toda a segurança que quer, mas sem a casa, aí ela não tem nenhuma, porque ela não tem para onde ir, ela não tem aquela garantia aonde é que eu vou viver, como é que eu crio meus filhos? Então, esse programa Minha Casa, Minha Vida, ele está correto. A casa é uma parte da vida da gente.

Por isso que eu quero dizer para as famílias aqui do Pinheirinho: quando vocês, daqui a um ano, um ano e pouco, entrarem na casa de vocês, vocês entrem de cabeça erguida. Vocês não devem essa casa a ninguém, não devem a mim, não devem ao governo federal, não devem ao governo estadual nem à prefeitura. Essa casa vem, primeiro, do dinheiro arrecadado do povo brasileiro. Segundo, ela vem também da luta de vocês. Vocês conquistaram essa casa. Vocês têm direito a ela, é uma questão de cidadania, e é assim que o povo do Brasil tem de ser tratado. Olhando para o povo, para cada um, para cada família e reconhecendo o esforço que ela faz para sobreviver, criar seus filhos da melhor forma possível, no dia-a-dia. O governo entra com a sua parte, qual é a parte do governo? É fazer a política correta, a política para dar oportunidade para os 200 milhões de brasileiros. Para não deixar nenhum brasileiro fora das condições fundamentais de vida. E aí, eu quero dizer que eu tenho muito orgulho, sim, do Minha Casa, Minha Vida, é o primeiro e maior programa do governo federal. Para vocês terem uma ideia, nós estamos fazendo - nesse período até 2014 - 2,750 milhões de moradias. No final do governo Lula, a partir de 2009, nós tínhamos contratado 1 milhão de moradias. Então soma 1 milhão da época do presidente Lula com os 2 milhões que nós estamos fazendo, na prática, nós estamos entregando, desde 2009 até 2014, em 5 anos, 3,750 milhões de moradias. 1,6 milhão já receberam a casa. 1,7 milhão estão em construção. Até o final do ano, e aí Pinheirinho está incluído, nós temos de contratar e deixar prontas, em vários estágios de construção, 450 mil. Aqui em São José dos Campos, 5,8 mil famílias já receberam as chaves da casa própria pelo Minha Casa, Minha Vida. Já temos mais 9,4 mil em construção. Então... Pinheiro está dentro dessas 9,4 mil.

Então, eu quero dizer que eu tenho extremo orgulho desse programa Minha Casa, Minha Vida. Hoje, daqui, eu vou para Bauru entregar a chave das casas, lá em Bauru. Mas para vocês terem uma ideia, em todo o estado todo de São Paulo, em todo o estado de São Paulo, 284,7 mil famílias já têm casa própria graças ao Minha Casa, Minha Vida.

Eu quero repetir uma ideia para vocês: Sem sombra de dúvida, essa casa, e eu vi a maquete dela, e tenho certeza que o Marrom vai ficar fiscalizando, não é, Marrom? Todo dia você vai ficar em cima da Caixa, do nossos construtor, da El Global, vai ficar aqui olhando a casa, vendo se está boa, as paredes, se o azulejo está bem na cozinha e no banheiro. É o que eu vejo, viu, Marrom. Quando eu entro numa casa do Minha Casa, Minha Vida eu olho os azulejos da cozinha, do banheiro, como é que está o rodapé. Porque a casa tem que ser a melhor possível, tá Marrom? Se o chão, se toda a cobertura de cerâmica do chão está boa, enfim, você tem de olhar, se a casa está com ensolação adequada. Eu acho que tem uma coisa, eu estou falando aqui com o Marrom, mas eu não estou brincando. Por quê? Porque nós não podemos tratar essas casas como se elas fossem qualquer coisa. Elas têm de ser a melhor casa possível que nós podemos fazer.

Eu quero dizer, para finalizar, que eu estou muito feliz de estar aqui hoje. Estou muito feliz porque eu tenho uma excelente parceria também com o prefeito da cidade. Nós temos a implantação do BRT, nós temos a pavimentação de várias ruas em parceria, o saneamento aqui também. Temos prevenção de área de riscos, contenção de encostas e drenagens. Temos uma série de obras.

Mas eu quero falar de uma das ações que nós fazemos aqui, e que é o Pronatec. Por que eu quero falar do Pronatec? Porque acho que as famílias do Pinheirinho têm de ter, também, um olhar para a questão da capacitação profissional, para melhorar, cada um, a sua renda. Aqui em São José dos Campos, nós temos 25,3 mil matrículas realizadas. Hoje, o Pronatec no Brasil inteiro já formou 6,2 milhões. Nós temos a meta de chegar a 8 milhões. Portanto, vocês me disseram há pouco que iam formar muitas mulheres do Pinheirinho em azulejista. Eu quero dizer para as mulheres do Pinheirinho uma coisa: saibam vocês que, no Pronatec, mais da metade das pessoas que procuram um curso de formação, são mulheres. Por isso, se vocês resolverem ser azulejistas, vocês podem. Se resolverem ser eletricitas, vocês podem. Tanto o governo federal, através dos institutos federais de educação, como o Sistema S, com o qual nós temos parceria, o Senai, o Senac, o Senat e o Senar, eles em conjunto oferecem cursos de capacitação profissional essenciais para manter o Brasil crescendo.

Queria dizer mais uma coisa: a gente tem vários programas, podia falar aqui do Mais Médicos, podia falar aqui de todos os programas educacionais. Mas eu vou encerrar dizendo que há uma coisa essencial, que a gente constata aqui no Pinheirinho: as pessoas que vão à luta são aquelas que têm capacidade de sonhar, de pensar “não, o mundo não pode ser assim, ele tem de ser melhor”. Vocês pensaram isso, vocês foram capazes de sonhar. E eu acho que nós todos temos de saber que o Brasil será do tamanho do sonho de cada um dos brasileiros, e da capacidade de cada um de nós de lutar por eles.

Um abraço a cada uma das mulheres, a cada um dos homens do Pinheirinho. Um abraço a cada um dos prefeitos, das lideranças aqui presentes, dos representantes, dos vereadores e dos prefeitos. Um abraço a cada um dos cidadãos de São José dos Campos. Muito obrigada.

Ouça a íntegra (26min24s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-cerimonia-de-assinatura-de-ordem-de-servico-para-inicio-da-construcao-de-1-461-unidades-habitacionais-do-total-de-1-700-do-residencial-pinheirinho-dos-palmares-i-e-ii-do-programa-minha>) da Presidenta Dilma

25-03-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante cerimônia de entrega de 944 unidades habitacionais dos residenciais Água da Grama e Três Américas II - Bauru/SP

Bauru-SP, 25 de março de 2014

Boa tarde a todos, a todas aqui presentes.

Eu queria começar saudando a Maria Fátima, o Urano, a Lucinéia, o Gilberto e a Adriana. Foram eles que receberam aqui as chaves, simbolizando cada um de vocês aqui presentes que vão morar agora em um desses apartamentos. Então, queria saudar cada um dos moradores dos residenciais Água da Grama e Três Américas II.

Cumprimentar e agradecer a recepção calorosa do prefeito de Bauru, Rodrigo Agostinho.

Cumprimentar o nosso ministro das Cidades, o Gilberto Occhi.

Cumprimentar e agradecer também pela recepção companheira, amiga, à Estela Almagro, a nossa vice-prefeita de Bauru.

Dirigir um cumprimento muito especial ao ex-ministro da Saúde Alexandre Padilha.

Cumprimentar o presidente da Caixa Econômica Federal, Jorge Hereda.

Cumprimentar o presidente da Câmara Municipal de Vereadores, vereador Sandro Bússola.

Cumprimentar o presidente da Construtora Casa Alta, o Juarez Viecchi.

Cumprimentar o presidente da Construtora Iso, o Júlio César de Oliveira,

Cumprimentar os senhores e as senhoras jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas.

Eu estou muito feliz de estar aqui em Bauru. O prefeito me disse que eu sou, entre os presidentes, nos últimos tempos, uma das presidentes, ou presidentes, que esteve aqui em Bauru. O último, se eu não me engano, foi ainda o João Figueiredo, na década de 80, mas então estou feliz de ser a primeira presidenta do período democrático a estar aqui em Bauru.

Todos nós aqui sabemos que cada um de nós escolhe – a vida faz a gente escolher – alguma das datas em que a gente nunca vai esquecer dessa data. Exemplo: quando a gente casa. Muitas vezes, quando é um casamento feliz, a gente nunca vai esquecer a data do casamento. As mães e as mulheres sabem que quando nasce um filho é também uma data que a gente não esquece. A gente também, muitas vezes, não esquece o dia que o time da gente ganhou um jogo que parecia perdido. A gente não esquece também algumas das datas que realizam o sonho dos nossos filhos ou dos nossos netos.

Certamente, é muito importante – eu, pelo menos, lembro da minha – a data em que eu tive a minha casa. Acredito que essa data de hoje muita gente vai lembrar como sendo uma data importante na vida de cada um. Quando a pessoa chegou e teve acesso a sua casa própria, aquela sensação, “olha, eu tenho agora a minha casa própria, é minha”. Por isso, eu tenho certeza que as pessoas que estão aqui hoje vão olhar para essas casas e enxergar muito

mais que paredes, janelas, vão enxergar muito mais do que a copa, a cozinha, os quartos. Vão enxergar dignidade, esperança, felicidade. Vão enxergar um lugar literalmente para viver, e viver é criar os filhos, é criar a família, é receber os amigos, é trabalhar, é estudar. Então eu estou muito feliz de estar aqui, garantindo para todas as pessoas desses dois residenciais a chave da casa própria.

E quero dizer uma coisa. Eu, sempre que chego num lugar, eu visito os apartamentos ou as casas. Eu visitei agora o apartamento, e eu olho, sabe, se a janela é boa, se a porta está certa, se o piso é bom, se a cozinha... porque tem isso, a gente sabe, mulher sabe disso, se a cozinha tem azulejos, que vai facilitar a limpeza, se o banheiro tem azulejo também. E aí hoje eu olhei a escada, e aí quero dizer que eu tenho a honra de falar aqui com o nosso empresário – o senhor queira levantar, por favor? Eu conversei com ele, com o presidente da Caixa, e a gente escutou. Eu também, vamos dizer assim, fiz uma pequena reclamação. E nós, e o nosso empresário – o senhor fala o seu nome alto? – o senhor é o Juarez Viecchi, da Construtora Casa Alta. Ele se comprometeu a botar piso antiderrapante nas escadas, que vocês tinham reivindicado, com razão, diga-se de passagem.

Mas eu estou falando que a sensibilidade, você veja o que é uma pessoa com sensibilidade: seu Juarez, sensibilizado com esse pleito, se dispõe a colocar o piso nas escadas. E a Caixa Econômica se dispõe, daqui para frente, a prever um piso antiderrapante nas escadas. Parabéns ao empresário Julio Viecchi, parabéns à Caixa, e também ao prefeito e a vice-prefeita, que falaram sobre esse pleito para nós.

Eu quero dizer para vocês que é sempre emocionante participar de uma entrega das chaves, porque eu sei que a pessoa consegue a chave e entra numa esperança porque entra numa nova vida, entra num caminho de esperança. É certo que vida vai mudar para melhor, você vai abandonar uma moradia muitas vezes precária. Algumas pessoas moram de favor, na casa de parentes. Outras pessoas pagam aluguel, o que pesa no orçamento doméstico. Então quando eu vejo que essa é uma ação que definitivamente muda a vida das pessoas, e cada uma das famílias que aqui receberam a chave, elas fazem com muita emoção. Essa emoção é uma emoção que a todos nós honra e orgulha, porque mostra que a gente está no caminho correto.

E que caminho é esse? Vou contar uma história para vocês. No Brasil, nós não tínhamos uma política habitacional que pudesse garantir casa para quem mais precisasse, casa para as pessoas que ganhassem até 1.600 reais. Por que é que não tinha uma política habitacional? Porque, muitas vezes, o que se pensava é que o Estado brasileiro, o governo federal, não precisava fazer nada porque o mercado imobiliário ia resolver esse problema. Ora, o mercado imobiliário não resolve esse problema de jeito nenhum, porque não fecha a equação entre o valor de um apartamento... como é que uma pessoa que ganha 2,5 salários mínimos pode comprar um apartamento com a renda que recebe? Não pode.

Então, como é que nós resolvemos o problema? Resolvemos porque colocamos os interesses das pessoas deste país em primeiro lugar, de todas as pessoas, em especial daquelas que mais precisam. E o que é colocar em primeiro lugar? O governo federal tem um orçamento, e ele – governo federal – considera que esse orçamento, os recursos desse orçamento, que são oriundos, que vêm do dinheiro que cada brasileiro e que cada brasileira paga de imposto, colocar esse dinheiro para completar a renda das pessoas e pagar o apartamento ou a casa própria. Com isso nós estamos falando o seguinte: no mínimo 95% do valor dessa casa o governo federal bota de recursos. A diferença é paga, dependendo do nível de renda, por cada um de vocês, por um valor que não pode ultrapassar 3% a 5% da renda que ganham.

Isso significa duas coisas. Primeiro, que vocês entrem nesses apartamentos de cabeça erguida. O apartamento é de vocês porque o dinheiro veio de vocês, primeira coisa. Segunda, vocês não devem nada a ninguém, não devem ao governo federal, não devem a ninguém. Vocês são cidadãos brasileiros e, por isso, o governo federal é obrigado se tiver compromisso com seu povo, a olhar para a questão da habitação.

Por isso é que eu digo, entrem de cabeça erguida. A casa é pelo esforço de vocês e pelo fato de que nós, com casas próprias para as famílias brasileiras abrigadas, para crianças abrigadas dentro dessas casas, que são, antes de tudo, lares, essas crianças e essas famílias, elas têm mais condição de crescer, de fazer seus filhos estudarem, de ter uma formação profissional, de correr atrás de uma formação profissional. Um filho aqui vai entrar numa universidade, outra filha ali vai fazer um curso técnico, e o que nós queremos é um futuro bom para cada uma dessas famílias.

Por isso, eu quero dizer que hoje é um dia especial, sim, e é um dia também especial para o governo. O governo contribui com o quê? O governo contribui ao dar oportunidades para as pessoas. Um governo, o que é que ele faz? Ele tem de ajudar. Como que ele ajuda? Dando oportunidade. A casa é uma oportunidade, agora, quem faz a casa, quem faz a felicidade da casa, quem faz o esforço da casa, quem corre atrás, quem rala bastante é o povo deste país. Por isso eu estou aqui muito feliz porque eu sei que eu estou aqui junto com pessoas lutadoras, batalhadoras e trabalhadoras, e sei que essa casa é o começo de um caminho melhor. Coração para vocês também.

Eu queria dizer aqui... A gente pode dizer que Bauru – e o prefeito veio falando isso para mim – Bauru tem uma característica muito especial, é uma cidade que a gente devia chamar cidade da educação. Aqui, né prefeito, tem 14 a 15... 15 ou 14? Quinze, 15, gente, 15 universidades. Não é pouco isso. Vai abrir a 16^a, prefeito? Federal aqui.

Então, prefeito, eu estou animadíssima aqui, animadíssima, e queria falar para vocês, principalmente que eu estou vendo muita mãe aqui, muita mãe. Falar para as mães, para os pais também, porque pai dá uma força louca. É o seguinte, que eu quero falar: no Brasil, a gente tem um jeito cada vez maior de melhorar. Esse jeito tem várias coisas importantes, mas eu vou falar de uma que é muito importante, que é a educação. E aqui é a cidade da educação. Então, aqui vocês têm imensas oportunidades.

Quero falar aqui para o pessoal que recebeu a chave, que procure um outro programa do governo, que se chama Pronatec, que é o Programa Nacional de Educação Técnica Profissionalizante. São cursos de até 4 meses. O Brasil precisa muito de pessoas que se capacitem melhor para trabalhar, porque também para as pessoas é importante, vai ganhar um salário maior. Para o Brasil é importante, nós vamos ter um país mais produtivo ainda. Então, aqui nós temos 18 mil e 500 matrículas do Pronatec. Essa cidade aqui na região tem um ótimo desempenho. Eu não vou dizer que ela é a melhor da região, senão vão ficar com ciúme, e aí eu também não quero ciúme comigo. Então, eu vou dizer que ela está entre as melhores, as melhores.

Aqui tem 6.500 bolsas do Prouni concedidas. Aqui tem 7.900 contratos de financiamento da educação, aqueles contratos que a pessoa depois de formada paga, se o curso for de 4 anos, paga 4x3+1, paga em 13 anos. Se o curso for de 5, paga em 16 anos. Portanto, paga com o dinheiro que conseguir do trabalho que obtiver. Aqui, para vocês terem uma ideia, nós temos um pleito feito pela cidade para um curso de medicina, não é isso, prefeito? Então, eu estou aqui dizendo para vocês que é do absoluto interesse do governo federal – e o ministro Padilha sabe disso, porque até há pouco estava no Ministério da Saúde –, é do absoluto interesse do governo federal ter aqui uma Escola de Medicina. Essa cidade, que é a cidade da educação, ela também tem direito de, entre os seus 15, agora 16 faculdades, ou universidades, ter uma escola de Medicina.

Quero então dizer para vocês que eu estou me comprometendo com vocês, não é com o prefeito, não, com o prefeito é fácil se comprometer, difícil é se comprometer com cada um de vocês. Estou me comprometendo, por quê? Porque interessa que tenha Faculdade de Medicina, porque a gente quer formar médico, quer formar médico no interior deste país. Por isso que nós estamos numa luta para conseguir formar, no Brasil, 11 mil médicos, e criar residência... aliás, formar 12 mil e criar residência para 11 mil médicos. Enquanto isso, por que a gente quer fazer isso? Porque nós temos um país onde faltam médicos, faltam médicos aqui. E aí, as pessoas podem esperar? Não podem esperar, eu levo mais ou menos... o Brasil leva mais ou menos 6 anos para formar um médico e outros tantos para especializar esse médico. Até lá as pessoas que estão doentes precisam de um médico. Por

isso nós fizemos o Programa Mais Médicos. Aqui, a prefeitura pediu 12 médicos. Eu tenho certeza que esses 12 médicos vão servir para melhorar a vida e o serviço de saúde das pessoas que mais precisam, porque é onde falta médico, é onde as pessoas mais precisam. Já chegaram 5 médicos, até o fim do mês vão ter 7 médicos, mais 7 médicos, totalizando, portanto, 12 médicos.

E, finalizando, eu quero dizer que eu estou muito orgulhosa de ter vindo aqui em Bauru, muito orgulhosa, e não vou esquecer, não vou esquecer. E tem algumas coisas que a gente guarda. Eu guardo aqui o sorriso de cada um dos que receberam a chave. O sorriso da Maria de Fátima, do Urano, da Lucinéia, do Gilberto e da Adriana, e guardo os olhos de cada um de vocês que olham para mim e eu me sinto cheia de energia por esse Brasil.

Um abraço para todos e um coração para vocês.

Ouçã a íntegra (22min38s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-cerimonia-de-entrega-de-944-unidades-habitacionais-dos-residenciais-agua-da-grama-e-tres-america-ii-do-programa-minha-casa-minha-vida-bauru-sp-22min38s>) da Presidenta Dilma

27-03-2014 - Anúncio da Presidenta da República, Dilma Rousseff, às rádios Guaíba AM, Pampa AM, Gaúcha AM e Band AM, do Rio Grande do Sul, sobre o início das obras de construção da nova ponte de travessia do Rio Guaíba - Brasília/DF

Palácio da Alvorada, 27 de março de 2014

Bom dia, rádio Band, Oziris Marins; bom dia, rádio Gaúcha, Antônio Carlos Macedo; bom dia, rádio Pampa, Beatriz Fagundes; bom dia, rádio Guaíba, Jurandir Soares. Bom dia, todos os nossos conterrâneos porto-alegrenses e gaúchos. Ontem... eu sei que foi aniversário de Porto Alegre, e começou, então, a semana de comemorações, a semana Lupicínio Rodrigues, comemorações dos seus 242 anos. Eu quero então compartilhar com vocês, com todos os moradores de Porto Alegre e todos os gaúchos e gaúchas um presente: a segunda ponte sobre o Rio Guaíba. O Diário Oficial da União de hoje publica a homologação do resultado da licitação da nossa segunda ponte sobre o Rio Guaíba. Com isso, as obras para a construção da segunda ponte vão começar imediatamente.

Nós estimamos, que nessa segunda ponte, em torno de 50 mil veículos vão utilizar diariamente essa ponte, que terá mais de 7 km de extensão. Vai melhorar, como todos nós sabemos, o tráfego da região metropolitana de Porto Alegre e também a ligação com a região Sul do estado, ali em direção ao porto de Rio Grande. Queria dizer para vocês que o prazo de construção é de 3 anos. A nova ponte, ela facilita a vida de todos os gaúchos, menos tempo no trânsito significa mais qualidade de vida com mais tempo para o trabalho, para o estudo, para o lazer e para a família.

A empresa que venceu a licitação é a mesma que construiu a BR-448. Por isso, ela vai iniciar imediatamente os trabalhos, a começar pelo cadastramento para a realocação das famílias, com a instalação de uma vila temporária. Enquanto as casas definitivas estiverem sendo construídas. A empresa também vai iniciar a produção das vigas pré-moldadas que serão utilizadas na obra. A assinatura do contrato para a construção da segunda ponte do Guaíba será agora na segunda-feira, dia 31.

Nós queremos convidar a todos que se mobilizaram pela obra, e em especial o governador, os prefeitos da região, os parlamentares, a Fiergs, que se mobilizou pela ponte, e a imprensa gaúcha também que teve um papel decisivo na mobilização e na conscientização dessa segunda Ponte do Guaíba. Enfim, todos que amamos Porto Alegre sabemos a importância dessa nova ponte e vamos comemorar.

Eu gostaria de agradecer a atenção dos ouvintes, das rádios Band, Gaúcha, Guaíba e Pampa, agradecer ao Oziris, ao Antônio Carlos, à Beatriz, ao Jurandir e a todos os porto-alegrenses que podem comemorar. A segunda ponte do Guaíba vai sair!

Ouçã a Íntegra (03min42s) do anúncio
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-anuncio-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-as-radios-guaiba-am-pampa-am-gaucha-am-e-band-am-do-rio-grande-do-sul-sobre-o-inicio-das-obras-de-construcao-da-nova-ponte-de-travessia-do-rio-guaiba-03min42s>) da Presidenta Dilma

29-03-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, na sessão inaugural da LV Reunião Anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID - Costa do Sauípe/BA

Costa do Sauípe-BA, 29 de março de 2014

Eu gostaria de cumprimentar todos os presentes, iniciando o meu cumprimento pelo Moreno, pelo Luís Alberto Moreno, presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento e da Diretoria Executiva da Corporação Interamericana de Investimentos. O Moreno acha que o sotaque dele é carioca, eu acho que é gaúcho.

Queria cumprimentar também a ministra Miriam Belchior, presidente as Assembleias de governadores do Banco e da Corporação Interamericana de Investimentos.

Cumprimentar o governador da Bahia, meu amigo Jaques Wagner, e a senhora primeira-dama Fátima Mendonça.

Queria cumprimentar também os governadores dos países membros do BID e da Corporação.

Cumprimentar as senhoras e os senhores participantes desta reunião de governadores do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Cumprimentar os jornalistas, as senhoras e os senhores jornalistas, os fotógrafos e os cinegrafistas.

Meus queridos amigos e amigas,

É uma honra para o Brasil sediar esta reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento e da Corporação Interamericana de Investimentos. Desejo que alcancem os melhores e mais produtivos resultados nos debates e nas decisões que tomarão durante este encontro.

Aproveito para sugerir que também usufruam, se a agenda der, deste lindo lugar que escolheram para sediar esta reunião. O povo baiano é famoso, em todo o Brasil, pela hospitalidade e pela imensa alegria de viver. A Bahia expressa à perfeição a diversidade e a generosidade do povo brasileiro.

O Brasil tem fortes ligações com o Banco Interamericano de Desenvolvimento, desde que foi criado, em 1959, para a qual criação contribuiu o entusiasmo de nosso então presidente Juscelino Kubitschek, um estadista de grandes ideias e projetos generosos.

Ao longo deste mais de meio século de existência, o BID tem sido importante no apoio a inúmeros projetos e políticas no nosso país. Há, na maioria senão em todos os Estados brasileiros, exemplos de obras e ações cuja realização foi possível a partir do aporte e da contribuição do BID.

Temos estabelecido diversas parcerias com o BID e cabe destacar que essa atuação tem contribuído para reduzir as desigualdades regionais do nosso país. A parceria brasileira com o BID mostra, na verdade, a relevância de um banco multilateral para o apoio ao investimento e ao crescimento na América Latina e no Caribe.

A longa experiência e o profundo conhecimento sobre a região, acumulados pelo BID, nos permitem acreditar que ele está bem posicionado para apoiar, nos anos vindouros, as escolhas de desenvolvimento de cada país, feitas pelos governos locais à luz de suas prioridades. Em nossa região, há dezenas de milhões de cidadãos e de novos consumidores ávidos por conquistar acesso à infraestrutura e a serviços públicos de qualidade.

Apesar de ainda sentir os efeitos da crise global iniciada em 2008, a mais profunda desde 1929, e que nós vemos, desde 2008, lutando para que os seus efeitos não atingissem de forma dramática os países da América Latina e do Caribe, nossas economias, por isso mesmo, por essa luta, são dinâmicas e vivem um momento de recuperação, obviamente de acordo com as circunstâncias e características de cada país. Neste cenário, o BID pode ter relevante papel como parceiro de projetos econômicos e sociais. Vemos, com especial interesse, um amplo espectro de ações de apoio à integração regional, que se mostra cada vez mais forte e irreversível.

À medida que os países da América Latina e do Caribe intensificam suas relações políticas e econômicas, emerge um enorme mercado com potencial de crescimento associado à circulação de mercadorias e de pessoas nesta região do mundo, bem como um grande parque para investimentos, tanto investimentos sociais como investimentos em infraestrutura, troca de experiências, troca de cooperação em favor do desenvolvimento nacional e regional.

Torna-se cada vez mais imperativo dispor de melhores portos e aeroportos, melhores estradas, hidrovias e ferrovias, melhor infraestrutura urbana – moradias, saneamento, água e transporte coletivo –, mais amplas e rápidas conexões de internet, melhor serviço de saúde e melhor qualidade de educação.

O financiamento, a implantação e a modernização de toda essa infraestrutura, com destaque, repito, para a integração regional, deve ser uma das linhas de atuação preferenciais do BID.

A importância do mandato histórico do BID está em apoiar seus países membros, inclusive e principalmente nos momentos em que passam por desafios conjunturais. É precisamente nesses momentos que esperamos uma atuação que confirme a vocação do BID de ser o parceiro da região em todas as horas.

Senhoras e senhores,

O Brasil que recebe esta reunião é radicalmente distinto do existente há 11 anos. Nos tornamos um país menos desigual, mais inclusivo e gerador de emprego e de oportunidade para todos os cidadãos. Retiramos 36 milhões de brasileiros da extrema pobreza, 22 milhões dos quais nos últimos três anos e meio. Propiciamos a ascensão de 42 milhões de pessoas à classe média, que hoje representa no Brasil, só a classe média, 55% da população.

A renda per capita familiar subiu 78% em 10 anos. Desde o início do meu mandato, geramos 4 milhões e 800 mil empregos formais, com todos os direitos trabalhistas, e foram, nos últimos 11 anos, na última década, 20 milhões de empregos criados com carteira assinada, e temos hoje o menor índice de desemprego da nossa história.

Nós vivemos, agora, um novo desafio histórico. O desafio de acolher e atender as reivindicações e os anseios que surgiram, por isso mesmo, em nossas populações. Ao promover ascensão social e superar a extrema pobreza, criamos um imenso contingente de cidadãos com melhores condições de vida, maior acesso à informação e mais consciência de seus direitos.

Foi nessa década, e por causa dessa década, que isso ocorreu, que houve a maior redução de desigualdade dos últimos 50 anos no Brasil. Foi nessa década que criamos um sistema de proteção social integrado por renda e capacitação profissional, que nos permitiu praticamente superar a extrema pobreza. Foi nessa década que nos tornamos a sexta maior economia do mundo e que conquistamos a estabilidade macroeconômica: inflação estável, contas fiscais robustas e grandes reservas.

Nós temos consciência que fizemos o mais urgente e o mais necessário para o nosso momento histórico, mas agora temos também a consciência que devemos e podemos, por todas as conquistas que tivemos, fazer ainda mais.

Sabemos que democracia gera desejo de mais democracia. Inclusão social provoca necessidade de mais inclusão social. Qualidade de vida desperta anseio por mais qualidade de vida.

Para nós, todos os avanços conquistados são só um começo, só um início de outro processo, daí por que o desenvolvimento tem de ser com produtividade, daí por que a inclusão social tem de ser feita com educação para ser estável, daí por que devemos ter um desenvolvimento que, de acordo com as palavras da Rio+20, estabeleça que é possível crescer, incluir, conservar e proteger. É isso que querem os brasileiros e as brasileiras.

O caminho que estamos trilhando e que precisamos continuar a percorrer passa, portanto, pelo investimento produtivo, pela realização de obras de infraestrutura, de logística, de mobilidade urbana, pela melhoria dos serviços públicos e pelo aumento da eficiência do Estado. Sobretudo, passa por educação de qualidade, da creche ou do ensino pré-escolar à pós-graduação e à formação internacional de jovens brasileiros.

Cada vez mais a educação no Brasil cumprirá uma dupla função. Por um lado, moldar uma nação democrática e soberana, fundada na disseminação do conhecimento e da cidadania, o que deve garantir a perenidade da erradicação da miséria e da pobreza. Por outro lado, preparar o país para o seu grande desafio de fundar o seu crescimento, e é essa a questão fundamental da produtividade, na criação de tecnologia e na inovação, ou seja, privilegiando a formação educacional e científica e, portanto, a economia do conhecimento. Nosso objetivo é criar uma numerosa geração de técnicos, de universitários, de pesquisadores, de cientistas, de trabalhadores e empreendedores capacitados.

Para seguir nesta senda de modernização do Estado, de modernização da economia, de prioridade à educação, também estamos convencidos da absoluta necessidade de preservar a solidez dos fundamentos macroeconômicos do país. Assumimos esta tarefa como um compromisso inarredável com o nosso povo, com a nossa história, com as forças produtivas e com os investidores que aqui vêm, tanto nacionais como internacionais.

Este compromisso não será alterado. Tampouco nos abalaremos com julgamentos apressados, com conclusões precipitadas, que a realidade desmentirá. Todos sabemos que, em economia, a realidade sempre se impõe. Em alguns momentos, expectativas, especulações, avaliações e até mesmo interesses políticos podem obscurecer a visão objetiva dos fatos.

Para nós, o que importa é que continuaremos agindo para manter o país no rumo certo, sem abdicar, em nenhum momento, do nosso compromisso fundamental com a solidez da economia e com a inclusão e o desenvolvimento social e ambiental do país.

Nos últimos dez anos a taxa de inflação se manteve rigorosamente dentro dos limites estabelecidos pelo Conselho Monetário Nacional. Posso garantir que assim também será em 2014.

Nos últimos três anos fizemos decrescer, ano a ano, a dívida do setor público como proporção do nosso Produto Interno Bruto, dando continuidade a um processo que já dura uma década e que nos trouxe à confortável posição de uma dívida líquida do setor público de 33,8% do Produto Interno Bruto. Asseguro que essa trajetória também será mantida neste ano.

Nossas reservas internacionais estão em mais de 370 bilhões de dólares, o que nos dá um lastro confortável e seguro para enfrentar qualquer volatilidade. Nos últimos 12 meses recebemos mais de 65 bilhões de dólares em investimentos estrangeiros diretos.

Também tivemos um expressivo resultado nos 18 leilões que realizamos em 2013, leilões na área de concessões de energia, rodovia... energia elétrica, rodovia, portos, aeroportos, energia, petróleo e gás com investimentos previstos de R\$ 80 bilhões, a maior parte dos quais nos próximos 5 anos. Este também... a infraestrutura também é uma das condições para um crescimento com produtividade. Em 2014 faremos, por isso faremos novas

concessões, ampliando ainda mais nossa parceria e a parcela de investimentos que temos com o setor privado, tanto em infraestrutura logística como em energia e infraestrutura urbana.

O Brasil tem ainda muitos e muitos desafios. Tem desafios para enfrentar e superar e haverá sempre novos obstáculos a serem removidos. Podemos, contudo, nos orgulhar de ter construído um caminho para o desenvolvimento, o que nos permite dizer que o Brasil vai bem e irá melhor.

Tal como estamos fazendo, cada país da América Latina e do Caribe está, neste momento, empenhado em construir sua história, seu caminho para o desenvolvimento. Cada país da América Latina e do Caribe está empenhado em desenvolver sua infraestrutura produtiva, logística, de energia, a sua infraestrutura urbana, metrô, VLTs, a sua infraestrutura de saneamento, o seu acesso à água, ao tratamento de esgotos e, sobretudo, também está determinado a enfrentar todos os desafios da sociedade do conhecimento. Obviamente a infraestrutura de banda larga é fundamental para isso.

Cabe ao BID um importante papel no apoio a esses projetos nacionais, cabe ao BID um apoio aos projetos de integração inter-regional, uma vez que produtividade também é essa visão de que esta América Latina e o Caribe são fortes porque têm um dos maiores mercados consumidores do mundo, são fortes porque estão na trajetória de recuperar os anos de desigualdade, os anos em que a sua população não usufruiu dos benefícios do seu desenvolvimento. Todos nós temos agido nessa direção, cada um da sua forma, cada um segundo a história do seu país, cada um de acordo com as prioridades nacionais.

Hoje nós estamos aqui reunidos em Saúpe, nesta Bahia que é uma parte expressiva do Brasil, eu diria onde o Brasil começou. Nós todos temos certeza que uma reunião protegida por todos os nossos orixás é uma reunião que tem um apoio muito forte de entidades, que são aquelas características que caracterizam uma parte da população brasileira.

Por isso, junto com os orixás, eu desejo um bom trabalho a todos vocês, e desejo também que a ministra Miriam Belchior, que tem demonstrado na direção do Ministério do Planejamento e do nosso programa de infraestrutura, Programa de Aceleração do Crescimento, que a ministra aqui no BID demonstre as mesmas qualidades que ela tem dentro do governo.

Antes de terminar, eu queria reforçar um convite. Nós vamos fazer, em junho, a Copa das Copas. Não é pretensão minha dizer que é a Copa das Copas. Eu reconheço que existem outros países que têm todas as condições de fazer uma grande Copa, mas eu quero dizer que nós faremos a Copa das Copas porque, apesar do futebol ter nascido na Inglaterra, ele, de fato, ao vir para o Brasil, ele volta para casa. Por isso, convido a todos vocês para virem aqui usufruírem da Copa, do calor de todo o povo brasileiro, e asseguro a vocês que vocês serão muito bem-vindos e muito bem recebidos. Uma ótima estada no Brasil, e voltem logo, em junho, se possível.

Um abraço.

Ouçã a íntegra (20min33s) do [discurso](http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-sessao-inaugural-da-lv-reuniao-anual-do-banco-interamericano-de-desenvolvimento-bid-costa-do-sauipe-ba-20min33s)
<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-na-sessao-inaugural-da-lv-reuniao-anual-do-banco-interamericano-de-desenvolvimento-bid-costa-do-sauipe-ba-20min33s> da Presidenta Dilma

31-03-2014 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, durante assinatura do contrato para construção da ponte sobre o rio Guaíba - Brasília/DF

Palácio do Planalto, 31 de março de 2014

Bom dia a todos. Eu queria iniciar agradecendo a presença de todas as lideranças gaúchas que aqui compareceram.

Saudar o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro, que representa aqui os interesses do estado.

Saudar os ministros aqui presentes: o ministro César Borges, dos Transportes, que tem demonstrado, à frente do Ministério dos Transportes, uma capacidade de realização e de execução dos projetos que nós consideramos prioritários; o ministro Aloizio Mercadante, da Casa Civil; ministro Miguel Rossetto, do Desenvolvimento Agrário; ministro José Elito, do Gabinete de Segurança Institucional; a ministra Ideli Salvatti, da Secretaria de Relações Institucionais; o ministro Thomas Traumann, da Secretaria de Comunicação Social; e a ministra Maria do Rosário, dos Direitos Humanos.

Queria cumprimentar também aqui presentes a senadora Ana Amélia, o deputado federal Pepe Vargas.

E queria cumprimentar também os nossos prefeitos: o prefeito José Fortunati, de Porto Alegre, e o prefeito Henrique Tavares, de Guaíba, que são os pontos geográficos da nossa segunda ponte do Guaíba.

E saúdo o Jairo Jorge, representando todos os prefeitos da grande região metropolitana e do Rio Grande do Sul interessados, não só na ligação da região metropolitana, mas também na ligação com a metade Sul do estado.

Queria saudar ainda o senhor Heitor José Muller, presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul. E saúdo o senhor Muller pela sua dedicação desde logo a se empenhar por essa ponte, pela segunda ponte do Guaíba.

E saúdo também o general Jorge Fraxe, diretor-geral do DNIT.

E o presidente do Conselho de Administração do grupo Marques Queiroz Galvão. Quando eu o cumprimentei eu pedi que ele tivesse com a segunda ponte do Guaíba, a mesma dedicação que ocorreu quando eles ganharam a licitação para a construção da BR-448. Tenho certeza que será assim.

Queria também cumprimentar o Fernando Stuck, diretor-executivo da Egetec Engenharia.

Cumprimentar os senhores jornalistas, as senhoras jornalistas, os senhores fotógrafos e cinegrafistas.

Eu gostaria de dizer hoje que, no exercício de um cargo público, nós assumimos vários compromissos. Todos importantes, a maioria urgente. Nós, e aqui estou falando de todos os integrantes do Executivo, queremos cumpri-los, e trabalhamos muito para isso. Há sempre um ou outro compromisso que acaba ganhando um peso significativo na nossa agenda. Na minha agenda, adquiriu esse peso significativo a segunda ponte do Guaíba, pelo fato de eu ter perfeita consciência da importância dessa ponte para população do Rio Grande do Sul, para o desenvolvimento do estado e para a qualidade de vida dos porto-alegrenses, dos

integrantes de toda a região metropolitana. E também pelo fato de ser uma demanda histórica. Mais de 20 anos se passaram com essa demanda sendo posta e repostada. E ainda, muitas vezes, pela proximidade pessoal que nós temos com o problema. No meu caso, pelo fato de eu morar - eu estou presidente, mas moro em Porto Alegre -, e de querer ver esse problema superado. Eu sei o que acontece no trânsito da capital quando se eleva o vão da ponte do Guaíba

Então, a construção da segunda ponte é um desses compromissos, e eu tenho empenho em relação a ele. Por isso eu fiz questão de participar da assinatura desse contrato. Nós, o governo federal, vai investir R\$ 649 milhões, um pouco mais de R\$ 649 milhões, numa obra que é esperada por todos os gaúchos, como eu disse. Nós vamos ter um, quase dois quilômetros de ponte, mais 7,3 quilômetros de acessos a elevados. Por que digo esses números? para mostrar a significação deles quando se considera a largura do estuário do Guaíba e a importância do Rio Grande do Sul não ser seccionado quando o vão da segunda ponte se eleva. Porque até agora você tinha esse fenômeno ocorrendo no Rio Grande do Sul, sistematicamente se separava a capital de todos os gaúchos da metade sul do estado cada vez que a ponte subia e lá ficava... portanto nós vamos ter menos congestionamento, nós vamos ter algo que é fundamental para as pessoas, algo que a gente não consegue repor na vida, que é o tempo, o tempo para o lazer, o tempo para a família, o tempo para olhar os filhos, enfim, o que o Rio Grande do Sul ganha com essa ponte, além da ligação e da unidade, da sua unicidade, ele ganha tempo.

A partir de hoje, os projetos vão começar a ser elaborados, porque essa licitação foi na forma de RDC, Regime de Contratação Especial. O DNIT e o consórcio vencedor acordaram em analisar os projetos à medida que forem sendo concluídos para acelerar o início das obras. Nossa expectativa é grande e trabalhamos e trabalharemos muito para que as obras comecem em junho. Em três anos, a partir de então, a segunda ponte do Guaíba deverá estar pronta.

Estamos investindo muito para melhorar as condições de deslocamento da população de Porto Alegre e em toda a região metropolitana, e eu diria em todo o Rio Grande do Sul. A recuperação do conjunto das obras que o governo federal realiza no estado do Rio Grande do Sul, feita pelo senhor ministro dos Transportes, mostra perfeitamente o tamanho e o esforço dos investimentos que nós realizamos. Eu tenho certeza que, tanto a Rodovia do Parque, quanto o trecho São Leopoldo-Novo Hamburgo do Trensurb, quanto o aeromóvel, quanto todas as rodovias ampliadas e duplicadas, mudam a logística do estado do Rio Grande do Sul, transformam essa logística numa logística de qualidade e permite que o Rio Grande do Sul dê vários passos a frente em direção ao seu destino histórico de ser uma das economias mais importantes do país.

Os recursos para o metrô – não é, prefeito Fortunati? - estão garantidos, e agora, com muito orgulho, nós estamos garantindo também a segunda ponte do Guaíba. Ao consórcio responsável, eu pedi total dedicação à sua execução, e fico muito satisfeita porque eu assisti a dedicação que o consórcio emprestou à construção da BR. Ao DNIT e ao Ministério dos Transportes, nós solicitamos acompanhamento das obras, para que os prazos sejam cumpridos. Nós sabemos das dificuldades de obras de engenharia, mas, como se traçam metas, é para a gente buscar cumpri-las. A todos que estão aqui e os que não estão aqui, que sabem e que lutaram por essa obra, eu proponho que nós tenhamos pelo menos um dia de comemoração, e que esse dia seja o dia que marca a tão sonhada segunda ponte do Guaíba.

Eu queria lembrar algumas coisas. Em cada ação se reflete o sinal da sua época. Nessa ponte do Guaíba está refletido também o sinal de uma época que nós estamos vivendo, uma época diferente do nosso passado, não só como gaúchos, mas como brasileiros. A construção da ponte do Guaíba envolveu abaixo assinado de associações de moradores, de associações, as mais diversas da sociedade civil, envolveu campanhas nas rádios, nos jornais, na internet, mobilização de pessoas, mobilização nas câmaras de vereadores, nas prefeituras, reunião de técnicos do estado com o governo federal, auditorias de preços, licitação, acompanhamento dos órgãos de controle federais sobre a evolução da obra, o

Ministério Público, o Judiciário. Enfim, foram cumpridos todos os ritos burocráticos que marcam o nosso país com instituições ativas, independentes e democráticas. Sinal dos tempos.

Cinquenta anos atrás, na noite de hoje, o Brasil deixou de ser um país de instituições ativas, independentes e democráticas. Por 21 anos, mais de duas décadas, nossas instituições, nossa liberdade, nossos sonhos foram calados. Hoje, nós podemos olhar para esse período, olhar justamente do ponto de vista dessa obra específica, mas que mostra toda a capacidade e o envolvimento de todas as instituições num clima de democracia. Nós podemos olhar para este período e aprender com ele, porque nós o ultrapassamos. O esforço de cada um de nós, o esforço de todas as lideranças do passado, daqueles que vivem e daqueles que morreram, fizeram com que nós ultrapassássemos essa época, os 21 anos.

Nós aprendemos o valor da liberdade, o valor de um Legislativo e de um Judiciário independentes e ativos. Aprendemos o valor da liberdade de imprensa, o valor de eleger pelo voto direto e secreto de todos os brasileiros governadores, prefeitos, de eleger, por exemplo, um ex-exilado, um líder sindical, que teria sido preso, que foi preso várias vezes, e uma mulher também que foi prisioneira. Aprendemos o valor de ir às ruas e nós mostramos um diferencial quando as pessoas foram às ruas demandar mais democracia. Aqui no Brasil não houve um processo de abafamento desse fato. O valor, portanto, de ir às ruas, o valor de ter direitos e de exigir mais direitos.

Embora nós saibamos que os regimes de exceção sobrevivem sempre pela interdição da verdade, pela interdição da transparência, nós temos o direito de esperar que, sob a democracia, se mantenha a transparência, se mantenha também o acesso e a garantia da verdade e da memória e, portanto, da história. Aliás, como eu disse quando instalamos a Comissão da Verdade, a palavra “verdade” na tradição ocidental nossa, que é grega, é exatamente o oposto do esquecimento e é algo tão forte que não dá guarida para o ressentimento, o ódio, nem tampouco para o perdão. Ela é só e, sobretudo, o contrário do esquecimento, é memória e é história. É nossa capacidade de contar tudo o que aconteceu.

O dia de hoje exige que nós nos lembremos e contemos o que aconteceu. Devemos isso a todos os que morreram e desapareceram, devemos aos torturados e aos perseguidos, devemos às suas famílias, devemos a todos os brasileiros. Lembrar e contar faz parte, é um processo muito humano e faz parte desse processo que nós iniciamos com as lutas do povo brasileiro, pelas liberdades democráticas, pela anistia, pela Constituinte, pelas eleições diretas, pelo crescimento com inclusão social, pela Comissão da Verdade, enfim, por todos os processos de manifestação e de ampliação da nossa democracia que temos vividos ao longo das últimas décadas, graças a Deus.

Um processo que eu foi construído passo a passo durante cada um dos governos eleitos depois da ditadura. Nós reconquistamos a democracia a nossa maneira, por meio de lutas e de sacrifícios humanos irreparáveis, mas também por meio de pactos e acordos nacionais. Muitos deles traduzidos na Constituição de 1988. Como eu disse, na instalação da Comissão da Verdade, assim como eu respeito e reverencio os que lutaram pela democracia, enfrentando a truculência ilegal do Estado e nunca deixarei de enaltecer esses lutadores e essas lutadoras, também reconheço e valorizo os pactos políticos que nos levaram a redemocratização.

A grande Hanna Arendt escreveu um dia que toda dor humana pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história. A dor que nós sofremos, as cicatrizes visíveis e invisíveis que ficamos nesses anos, elas podem ser suportadas e superadas porque hoje temos uma democracia sólida e podemos contar nossa história.

Como eu disse, nesse Palácio, repito, há quase dois anos atrás, quando instalamos a Comissão da Verdade, eu disse: se existem filhos sem pais, se existem pais sem túmulos, se existem túmulos sem corpos, nunca, nunca, mas nunca mesmo, pode existir uma história sem voz. E quem dá voz à história são os homens e as mulheres livres que não têm medo de escrevê-la. E acrescento: quem dá voz à história somos cada um de nós, que no nosso cotidiano afirma, protege, respeita e amplia a democracia no nosso país. Muito obrigada.

Ouçã a íntegra (17min19s) do discurso
(<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/audios/audio-do-discurso-da-presidenta-da-republica-dilma-rousseff-durante-assinatura-do-contrato-para-construcao-da-ponte-sobre-o-rio-guaiba-brasilia-df-17min19s>)da
presidenta Dilma